

CIBEC/INEP



B0030699

**ENTRE ÍNDIOS ARUÃNS, COLONIZADORES  
EUROPEUS E O CABOCLO MARAJOARA:**

**RE VISITANDO CHAVES**

(=081)

51e



# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MEC/INEP/CIBEC

# EXPEDIÇÕES





## **Reitoria**

*Reitor:*

Édson Raymundo Pinheiro de Souza Franco

*Vice-Reitor:*

Antônio de Carvalho Vaz Pereira

*Pró-Reitor de Ensino de Graduação:*

Mário Francisco Guzzo

*Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão:*

Núbia Maria de Vasconcelos Maciel.

## **Conselho Diretor da UNESPA**

Ana Paula Salomão Antônio Mufarrej

Antonio de Carvalho Vaz Pereira

Édson Raymundo Pinheiro de Souza Franco

Etiane Maria Borges Arruda

Marlene Coeli Vianna

Paulo Roberto Carvalho Batista (Presidente).

Ana Cristina Lopes Braga  
Filomena Mata Vianna Longo  
Ivone Maria Xavier de Amorim Corrêa  
Maria Clarice Leonel

**ENTRE ÍNDIOS ARUÃNS, COLONIZADORES EUROPEUS  
E O CABOCLO MARAJOARA:  
RE VISITANDO CHAVES**



Universidade da Amazônia  
Abril/2003  
Belém - Pará - Brasil

**ENTRE ÍNDIOS ARUÃNS, COLONIZADORES EUROPEUS  
E O CABOCLO MARAJOARA:  
RE VISITANDO CHAVES**

**Coordenação:**

Superintendência de Extensão - Vera Lúcia Soares

**Financiamento: UNAMA/FIDESA**

Projeto Gráfico: Geraldo Teixeira e Jorge Eiró

Colaboração: Alberto Eduardo Carneiro da Paixão

Revisão de Texto: João Carlos Pereira

Fotos: Erick Forte Rolim

Normalização: Nazaré Soeiro

**Coordenação Técnica da Pesquisa:**

Ana Cristina Lopes Braga

Filomena Maria Vianna Longo

Ivone Maria Xavier de Amorim Correa

Maria Clarice Leonel

**Alunos envolvidos:**

**Centro de Ciências Humanas e Educação**

**Curso de Ciências Sociais**

Erick Forte Rolim, Jorge Luiz Oliveira dos Santos

Raída Renata Reis Trindade

**Centro de Ciências Exatas e Tecnológica**

**Curso de Arquitetura e Urbanismo:**

João Batista Xavier Ferreira Neto

Jorge Nassar Fleury da Fonseca

Mafalda Patrocínio Puccini



**"Campus" Alcindo Cacela**

Av. Alcindo Cacela, 287

66060-902 - Belém - Pará

Fone geral: (91)210-3001

Fax: (91) 225-3909

**"Campus" Senador Lemos**

Av. Senador Lemos, 2809

66 120-000- Belém- Pará

Fone geral: (91)213-7100

**"Campus" Quintino**

Trav. Quintino Bocaiúva, 1808

66035-190 - Belém - Pará

Fone geral: (91) 241-3074

Lax: (91) 230-0622

**"Campus" BR**

Rod. BR 316, Km 3

66645-901 - Ananindeua - Pará

Fone geral: (91) 289-9200

<http://Avwww.unama.br>  
[supex@unama.br](mailto:supex@unama.br)

Leonel, Maria Clarice et al.

L583e Lucre Índios Aruãns, colonizadores europeus e o caboclo marajoara: (re) visitando Chaves.

Belém: UNAMA, 2003. (Série Expedições, 2)

96p.; 23x23cm

ISBN: 85-86783-56-0

1. ANTROPOLOGIA CULTURAL. 2. MEMÓRIA E NARRATIVAS - CHAVES. 3. PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO. 4. Longo, Filomena Vianna. 5. Corrêa, Ivone Maria Xavier Amorim de. 6. Braga, Ana Cristina Lopes. I. Título.

CDD: 08915

## Sumário

Prefacio .....	.07
Introdução .....	.11

### PARTE I

#### HISTORIOGRAFIA E ASPECTOS DA CULTURA INDÍGENA, EUROPEIA E CABOCLA EM CHAVES

1 - ARUÂN: O rastro e a saga de um povo em Chaves - Arquipélago de Marajó .....	.17
2 - Santo Antônio de Aruân, Equador e Chaves: A trajetória política de uma civilização Marajoara .....	.24
3 - Parteiras e Encantarias - Aspectos da Cultura Cabocla em Chaves .....	.31
3.1 - Parteiras .....	.31
3.2 - O mítico e o simbólico na Ilha de Marajó: um olhar sobre as encantarias em Chaves .....	.37
4 - Falando de Festas Religiosas e Populares em Chaves: breves aspectos de uma cultura Marajoara .....	.41
4.1 - Breves considerações sobre cultura .....	.41
4.2 - Santo Antônio no imaginário sagrado e profano do povo Chaviense .....	.43
4.3 - Santos e Festas Populares: uma tradição de família .....	.60
4.4 - As Festas do Pescador e do Vaqueiro: um olhar sobre a festividade de rua em Chaves .....	.64

### PARTE II

#### ESPAÇO ARQUITETÔNICO DA CIDADE DE CHAVES: PROTAGONISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

1 - Principais Atores na Formação da Cidade de Chaves: índios, brancos Colonizadores e padres capuchos .....	.71
2 - Fundação de Vilas e criação de Cidades na Ilha do Marajó - o caso de Chaves (Administração de Francisco Xavier de Mendonça Furtado) .....	.72
3 - A Geografia que envolve a cidade de Chaves .....	.73
4 - População e Infra-estrutura .....	.74
5 - Espaço arquitetônico e a imagem da cidade: elementos da paisagem natural .....	.75
5.1 - Rio-Brisa-Verde .....	.75
5.2 - A água e a cidade: relatos que (re)constróem o desaparecimento de parte da Vila de Chaves .....	.77
6 - Aspectos Urbanísticos .....	.81
7 - Construções Particulares .....	.84
8 - Patrimônio Histórico Arquitetônico .....	.85
8.1 - Igreja de Santo Antônio .....	.86
8.2 - Palácio Municipal Intendente Amâncio José Spindola .....	.87
8.3 - Grupo Escolar Magalhães Barata .....	.89
8.4 - Cemitério Municipal .....	.90
Referências bibliográficas .....	.95



*À Prof Maria da Graça Landeira*  
*(In Memoriam)*

*"A lembrança é a sobrevivência do passado.  
O Passado, conservando-se no espírito de cada ser humano,  
afora à consciência na forma de imagens-lembrança"*  
*(Bosi:1987)*



## Prefácio



Entre índios Aruãs, Colonizadores Europeus e o Caboclo Marajoara: (Re)visitando Chaves" - parte da série "Expedições", projeto desenvolvido pela Superintendência de Extensão da Universidade da Amazônia - é fruto de um trabalho que alia pesquisa e extensão, desenvolvido por quatro professoras-pesquisadoras da UNAMA: Ivone Maria Xavier de Amorim Corrêa, Maria Clarice Leonel, Filomena Vianna Longo e Ana Cristina Lopes Braga.

E fruto, também, de uma ação articulada do projeto "Expedições" com o programa "Alfabetização Solidária", prova concreta da ação desse programa, que não se limitou ao exercício da alfabetização, estendendo-se por uma rede de relações que permitiram alcançar - como um retrato em branco e preto - as reais dimensões do cotidiano de um povo amazônida, rico em essência e composição cultural.

A seriedade do ensaio aqui apresentado possibilita perceber resultados extremamente significativos, sobretudo quando é capaz de aliar atividades de ensino e pesquisa, estimulando discentes do curso de Ciências Sociais e de Arquitetura e Urbanismo da UNAMA a enveredarem na árdua e gratificante tarefa da produção do conhecimento.

Esse ensaio não dá conta, somente, da história do surgimento da cidade de Chaves. É um mosaico de tessitura. É um mergulho na cultura de um município cujas tradições e história revelam não apenas uma alma portuguesa, mas, também, indígena, representada na imagem dos índios Aruãs, povo guerreiro e nobre que povoou a pré-história da região amazônica. As marcas da colonização portuguesa estão incrustadas em Chaves, assim como ainda é significativa e expressiva a influência indígena na cultura cabocla chaviense.

Desta feita "Entre índios Aruãs, Colonizadores Europeus e o Caboclo Marajoara: (Re)visitando Chaves" alia-se a significativos trabalhos de pesquisa que esta Universidade tem o orgulho de publicar, não só pela riqueza da discussão teórico-metodológica efetivada, mas, também, porque é capaz de materializar, simbolicamente, a missão da UNAMA, que é a "Educação para o desenvolvimento da Amazônia". Aliando pesquisa e produção científica, é possível comprovar que a Amazônia é uma região fértil. Fértil de etnias, de cultura e de identidades sociais. É exatamente essa diversidade humana e cultural que faz dessa região, com sua gente e povoados, parte integrante e indissociável de um país chamado Brasil.

**Vera Lúcia Soares**

*Superili/aulente de Extensão da UNAMA*



**ENTRE ÍNDIOS ARUÃNS, COLONIZADORES EUROPEUS  
E O CABOCLO MARAJOARA:  
RE VISITANDO CHAVES**

## Introdução



Entre índios Aruãs, Colonizadores Europeus e o Caboclo Marajoara: (RE) visitando Chaves" é resultado da implantação do projeto "Expedições", no município de Chaves. Tal projeto, executado pela Universidade da Amazônia- UNAMA, tem como proponente a Superintendência de Extensão, o Núcleo Cultural, através da Casa da Memória e Galeria de Arte, Coordenação do curso de Ciências Sociais e Coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo.

O "Expedições" se constitui em um projeto de extensão, articulando ações para a área de ensino e pesquisa. Os dois princípios se constituem norteadores da atuação acadêmica da UNAMA, na medida em que essas atividades, interligadas, permitem um constante diálogo da Universidade com a sociedade local, na busca e fomento de novos saberes e práticas profissionais. O "Expedições" também é fruto de uma parceria bem sucedida com o projeto Alfabetização Solidária, vinculado ao Programa Comunidade Solidária, através da Superintendência de Extensão. Desta feita, justifica-se a inclusão do município de Chaves no referido projeto, na medida em que o mesmo se constituiu como espaço rico e fértil para semear o exercício de cidadania através da alfabetização de jovens e adultos.

Neste sentido, "Entre índios Aruãs, Colonizadores Europeus e o Caboclo Marajoara", significa uma (re)leitura da historiografia de Chaves, dando vida e voz aos sujeitos (homens) que, através de lutas e conflitos, conseguiram fundar a cidade de Chaves.

"Entre índios Aruãs, Colonizadores Europeus e o Caboclo Marajoara: (Re)visitando Chaves" é fruto de uma ação interligada entre os cursos de Ciências Sociais e Arquitetura e Urbanismo da UNAMA através de seu corpo docente e discente. Se constituiu em uma atividade de extensão, na medida em que possibilitou aos discentes envolvidos um "novo olhar" referente a fenômenos culturais e arquitetônicos de outros espaços.

O ensaio apresenta um inventário da produção cultural e do patrimônio histórico e arquitetônico do município de Chaves, compreendendo etapas distintas para sua concretização. Em se tratando do inventário cultural, os procedimentos metodológicos adotados convergiram para a execução do exercício etnográfico, através da leitura interpretativa das diferentes expressões culturais que compõem a identidade da comunidade estudada, privilegiando a "fala", a "narrativa" dos sujeitos investigados. Foram envolvidos dois docentes e dois discentes

do curso de Ciências Sociais. Na fase da coleta de dados, priorizaram-se os registros iconográficos e as entrevistas semi-dirigidas.

Na elaboração do inventário do patrimônio histórico e arquitetônico de Chaves houve o envolvimento de dois docentes e três discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo. Nesta etapa, foi utilizado como recurso metodológico, o reconhecimento do espaço arquitetônico, estabelecendo elos de identificação do núcleo urbano original, bem como, as possíveis áreas de preservação. As técnicas de investigação privilegiaram o levantamento planimétrico das edificações selecionadas, diagnóstico dessas edificações e levantamento iconográfico.

A estrutura desse ensaio compreende duas partes distintas: a parte I, que mostra aspectos da história do município de Chaves e, sobretudo, aspectos da cultura cabocla e popular que existiram e ainda existem na localidade estudada. Já a parte II, volta-se para uma reflexão sobre o patrimônio histórico e arquitetônico de Chaves.

A parte I intitulada "Historiografia e Aspectos da Cultura Indígena, Européia e Cabocla em Chaves", possui a seguinte estrutura organizacional: 1) Aruã: o rastro e a saga de um povo em Chaves - arquipélago de Marajó, 2) Santo Antonio de Aruã, Equador e Chaves: a trajetória política de uma civilização marajoara, 3) parteiras e encantarias - aspectos da cultura cabocla em Chaves, 4) falando de Festas religiosas e populares em Chaves: breves aspectos de uma cultura marajoara.

A parte II, cujo título é: "Espaço Arquitetônico da cidade de Chaves; Protagonista do Patrimônio Histórico", está estruturada em oito capítulos: 1) Principais atores na formação da vila de Chaves: índios, brancos colonizadores e padres Capuchos; 2) Fundação de vilas e criação de cidades na ilha de Marajó: o caso de Chaves (Administração de Francisco Xavier de Mendonça Furtado); 3) A geografia que envolve a cidade de Chaves; 4) População e infra-estrutura; 5) Espaço arquitetônico e a imagem da cidade: elementos da paisagem natural, 5.1- Rio/brisa/verde, 5.2- A água e a cidade: relatos que (re) constroem a erosão na vila de Chaves; 6) Aspectos urbanísticos; 7) Construções particulares e 8) Patrimônio histórico arquitetônico, 8.1- igreja de Santo Antônio, 8.2- Palácio Principal Intendente Amâncio José Espíndola, 8.3- grupo Escolar Magalhães Barata e 8.4- Cemitério Municipal.

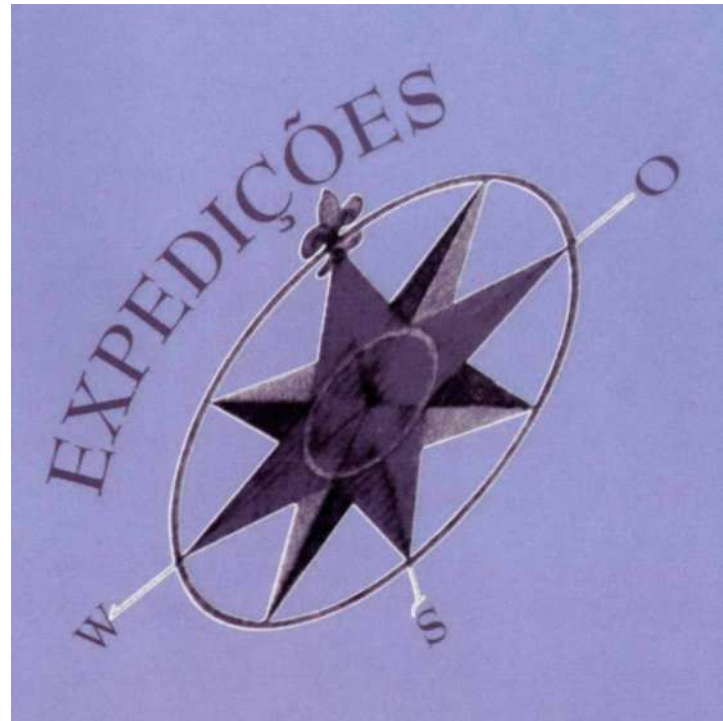
As categorias sociológicas memória e narrativa são utilizadas, neste ensaio, como elementos unificadores de suas partes distintas, ou seja, são essas categorias que perpassam todos os capítulos, sobretudo, quando se procura, dando voz aos sujeitos investigados, (re)construir um passado social. E foi, como que tecendo uma colcha de retalhos, cujos personagens centrais foram índios,

brancos e caboclos que se pôde dar expressão a essa rica "expedição", que buscou, no passado, elementos para uma compreensão do presente, no sentido da preservação de uma identidade social que, mesmo opaca, teima em persistir, se tornando uma espécie de retrato de uma gente que ajuda a compor um mosaico maior, o da região amazônica.

Isto aqui, o primeiro nome era Santo Antônio de Aruãs. Isso aqui era um grande matagal, era um grande jutaizal, tucumanzal, cajual, era onde os índios moravam, nesses séculos atrás. Daí, aos poucos, o branco foi botando o índio para correr... dizem que os portugueses descobriram o Brasil. O Brasil não foi descoberto por portugueses, foi tomado por eles, porque era habitado por índios... É certo eles eram bravos, mas eram gente... Morreram muitos índios, para que os portugueses se apoderassem desse lugar... Foram matando os índios e eles foram se arretirando daqui em jangadas, pois não podiam mais viver em um lugar que fora tomado deles. Justamente foi isso que incentivou a ocupação desse lugar... Foram devastando tudo. Essa extensão toda limpa era uma mata, jutai, pau imenso,

grande... bacuri, tucumanzal, cajual... Mas o branco foi se apoderando e foi derrubando tudo"(Brício de Paula Souza, nasceu à margem do Juruá, em 08 de novembro de 1912-90 anos. (Registro de campo, Chaves:2001)







**HISTORIOGRAFIA E ASPECTOS DA  
CULTURA INDÍGENA, EUROPÉIA E  
CABOCLA EM CHAVES**

**PARTE I**

**Ivone Maria Xavier de Amorim Corrêa**

*Bacharel em Ciências Sociais, Mestra em Antropologia*

*Coordenadora do Curso de Secretariado Bilíngüe da Universidade da Amazônia - UNAMA*

*Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade da Amazônia - UNAMA*

**Maria Clarice Leonel**

*Bacharel em Ciências Sociais, Mestra em Educação*

*Coordenadora e Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade da Amazônia UNAMA*





# 1 ARUÃN: O RASTRO E A SAGA DE UM POVO EM CHAVES - MARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ

O estudo mais atido sobre os índios Aruã se depara, inicialmente, com seu drama nos séculos XVII e XVIII, a quando de sua luta contra a cultura invasora, colocando a experiência que outrora fizeram passar outros povos belicosamente mais humildes, na América, particularmente no Brasil e, especialmente, na Amazônia.

Registros antropológicos que buscam explicar o passado das américas e em particular, da América Latina - palco onde os Aruã e Aruaque se relacionaram por muitos anos, em busca de um local onde pudessem habitar - teve uma significativa contribuição dos estudos de Ferreira Penna, que remetem a uma melhor compreensão da pré-história Americana e da trajetória dos povos indígenas, dentre estes, os Aruã.

O povo indígena Aruã era originário de uma corrente migratória dos caibras do Xingu, das Antilhas, da Flórida ou da América Central e foi apelidado, juntamente com outras tribos do Marajó, pelos arianos e tupys, de nêngaibas.



"O facto de serem appellidados pelos arianos e tupys de Nêngaibas, os Aruãs e as demais tribos do Marajó indica, na acepção verossimel do eminente sábio Ferreira Penna, que essa gente era a ponta extrema das avançadas migratórias craibas do Xingu, das Antilhas, da Flórida ou da América Central - Peru e México"(Dec. 668:1932)

Segundo o arqueólogo americano Larhap (1970), os Aruãs eram provenientes do Mar das Antilhas e se encontraram no estado do Amazonas, às proximidades de Manaus, cerca de 3000 anos a C.

O mapa de Curt Nimuendaju indica um processo de atração e retração do povo Aruã, originário da tribo Aruaque. Nimuendaju situa essa trajetória, marcadamente do Estado do Amazonas para os Estados do Amapá e Pará, mais precisamente na ilha do Marajó, revelando ser este um povo itinerante.

No avanço da corrente migratória, registra Maciel (2000) que uma parte desses índios Aruãs teria subido o rio Negro, através do rio Orinoco, passando a povoar a foz do Amazonas, ocupando parte do Estado do Amapá e, posteriormente, o Marajó, região que abrigou o povo Aruã 1200 anos d C.

Na pré-história da ilha do Marajó, se destaca a tribo dos Aruã, que habitava a costa do atual município de Chaves, dispersa em várias tabas e com vários nomes pelas ilhas do Canal do Norte, Amazonas a dentro e pelas ilhas Mexiana e Caviana, tendo, nesta última, a famosa aldeia dos Peyhé, hoje Rebordello.

Esses grupos indígenas, segundo Maciel (2000), estavam sempre ligados a sítios de ocupação antiga, e um deles é hoje a cidade de Chaves, local anteriormente ocupado por povos remanescentes que desenvolveram atividade de cerâmica.

O major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, em 1932, declara que a tribo dos Aruã atingiu um considerável grau de cultura, atestado nas obras de barro que foram encontradas nas escavações arqueológicas em Chaves.

"Além de numerosas e importante, a tribo dos Aruãs, classificadas com outras de Marajó, pelos conquistadores lusitanos, sob a denominação de Nêengaibas, havia atingido considerável grau de cultura, atestada nas obras de barro encontrada nas cerâmicas de Cajueiro e Pacoval".(Dec. 668:1932)

O Museu Paulista/USP, em uma série arqueológica (1994), registra que, no passado, o rio Amazonas constituiu uma excelente via de comunicação natural, percorrida por numerosos grupos humanos - **certamente um desses teria sido os Aruã** que se instalaram nas suas margens, junto a sua foz, no Atlântico. Na desembocadura da bacia Amazônica, a ilha do Marajó tem numerosos sítios arqueológicos, de cerâmica ricamente decorada. Salienta a ocupação pré-histórica dos tesos, áreas rmais elevada da planície inundável da ilha. Urnas antropomorfas ( cerâmica com representação do rosto ou do corpo humano), vasos, baixelas e outros objetos de cerâmica constituem importante parcela do acervo cultural marajoara, cuja datação rmais antiga, situa-se ao redor de 700 anos a C.

Meggers, em seus estudos sobre a América Pré-Histórica, ao se referir à Floresta Tropical, afirma que:

"O rmais antigo complexo cerâmico, caracterizado por formas simples de tigelas e vasos arredondados, superfícies simples ou escovadas e de decoração zonada-incisa, apareceu antes de 980 a c, na ilha do Marajó, na boca do rio Amazonas"(1979:32)

Para Couto (1998), a tradição cerâmica Tupi-Guarani caracteriza-se pela técnica do alisado

simples, pelos tipos de decoração (corrugada e ungulada) e pela pintura polícroma, com linhas vermelhas e pretas sobre o fundo branco. A cerâmica Marajoara tem influência dos grupos Tupi - em que predominam os pratos e tigelas de base plana com perímetro da boca oval - recipientes claramente destinados à preparação de mandioca amarga e, por conseguinte, a secar e assar raízes.

Ainda Meggers afirma que a cerâmica está associada a uma vida com sua lógica predominantemente voltada à "subsistência agrícola", o que nos faz crer que os Aruã, inseridos na região de incidência "mina" de 3000 a C. e "ananatuba", de 960 a C, pode ser portador de uma cultura sedentária de passagem em trajetória e contatos com outros povos e suas experiências, revelado na confecção de peças e nos traços que definem aspectos de uma cultura dos povos da América Central e, particularmente, da América Latina, a quando de sua estada na ilha do Marajó.

Para a pesquisadora, o padrão de vida desses povos, **incluam-se os Aruãs**, pode ser comparado ao modo de vida de muitos grupos indígenas que vivem hoje de forma comunal e/ou coletiva, dispersos no interior das matas amazônicas e que fabricam cerâmica simples e dependem, para sua subsistência, da pesca, caça e coleta, bem como dos produtos de suas roças.

Registra-se que a base de subsistência das comunidades que viviam às margens da várzea Amazônica, pode ser reconstruída, a partir das antigas descrições dos europeus. Os primeiros exploradores ficaram impressionados pela quantidade de alimentos em todas as aldeias por eles visitadas e, assim, relataram a lógica da sobrevivência:

"... mandioca, milho e tartarugas fluviais, que eram mantidas vivas, aos milhares em viveiros na margem dos rios, lagos, abundavam em peixe, facilmente capturáveis, quando descia o nível das águas ... imensos bandos de patos e outras aves que vinham se alimentar de sementes de capim e, por sua vez, atraíam numerosos jacarés... tartarugas em todos os estágios do seu ciclo vital, incluindo ovos, tartaruguinhas recém-nascidas e adultas... o peixe-boi, um grande mamífero aquático, que era apreciado por sua carne... essas fontes de subsistência estavam disponíveis principalmente durante a vazante e a maioria dela, extremamente perecível, não podia ser estocada para consumo durante a estação úmida... Entretanto, as necessidades poderiam ser suplementadas pelo milho domesticado e a mandioca, que sustentavam uma população relativamente densa com uma configuração cultural similar"(Meggers:1979)

Considerando que a base de sustentação dos povos que viviam às margens do Amazonas era a mandioca, vale registrar que os Aruã são descendentes da tribo dos Aruaque (grupo

geneticamente mais abrangente), cuja significação, em língua portuguesa, tem sua tradução Aruwak, igual a "comedor de farinha".

Como viveram os Aruã continua uma incógnita. Todavia, é possível, através da antropologia, buscar reflexões, referendadas por discussões sobre o avivamento de culturas tidas como mortas ou extintas - transformada ou associada à cultura invasora - mas que deixaram traços que, observados por um olhar mais acurado, podem funcionar como mensagens contidas nos objetos de uso cotidiano, como é o caso da cerâmica fabricada pelos Aruã, em sua trajetória pré-colombiana, no dito arquipélago do Marajó.

Assim é que, associando a cultura Aruãs à cultura invasora, foram encontrados, em registros históricos, a origem do município de Chaves, já que o mesmo deriva da antiga aldeia dos índios Aruãs, catequizados pelos Capuchos, que instalaram seus assentamentos no ponto que hoje é a cidade de Chaves.

"... os verdadeiros fundadores de Chaves foram os frades capuchos de Santo Antônio, que se infiltraram na aldeia dos Aruãs, iniciando a catequese dessa tribo, como em 1617, iniciaram a civilização dos Tupinambás no Uma, arredores de Belém, muito antes dos jesuítas do Padre Antônio Vieira, doutrinarem o Marajó"(Dec. 669:1932)

Segundo Coelho (1999), a Amazônia foi cenário de grandes espaços habitados por sociedades tribais que, com a chegada dos conquistadores ibéricos, espalharam-se pelas orlas dos rios e pelo coração da floresta. A ação missionária foi particularmente significativa. Com uma economia dependente do extrativismo vegetal, a necessidade de uma força de trabalho que dominasse os códigos da natureza levou o colonizador a escravidão do índio. Estava instaurado o cenário de luta entre a conquista da terra e a conversão do espírito.

Diversas nações - Holanda, França, Inglaterra e Portugal, envolvidos no processo colonizador - século XVI - colocaram em disputa o domínio do território brasileiro e de suas riquezas naturais, incitando conflitos entre as tribos, intencionando o enfraquecimento da resistência indígena.

Couto (1998), ao discutir a disputa pelo domínio do litoral brasileiro, registra os seculares conflitos entre vários grupos indígenas pela posse da faixa costeira, dado a "nincho ecológico" que fornecia alimentos abundantes designadamente peixe, tartarugas, frutos e outros, necessários à dieta indígena.

Para o autor, a ambição de uma comunidade ameríndia em exercer o domínio sobre uma

região favorecida traduzia-se na conquista da orla marítima ou da várzea amazônica e, naturalmente, ganhavam a disputa os grupos indígenas reais coesos, numerosos e tecnologicamente melhor apetrechados.

Traçando um quadro geral das diversas nações ameríndias que controlavam a costa nos primórdios do Quinhentismo, o autor reconstitui a distribuição espacial de grupos indígenas, dentre eles os Aruaque/Aruãs, ao longo do litoral brasileiro, no final do século XV - início do século XVI.

"A orla marítima era ocupada no sentido norte-sul, pelos seguintes grupos indígenas: os Aruaque habitavam o Norte desde a Foz do Oiopoque (Amapá) até a costa paraense, incluindo o delta amazônico e as respectivas ilhas, designadamente a de Marajó - território do grupo Aruã (Couto. 1998:58)

Registro histórico feito pelo Frei Antônio de Merceana, em 27 de novembro de 1618, assinala resistência dos Neêngaiba e Aruã da ilha do Marajó, a quando do ataque aos portugueses na entrada de Joanes, como expressão de resistência à capturação para o jugo português, prática desenvolvida para com todos os índios, desde o início da colonização do Grão-Pará.

A narrativa de D'Azevedo (1999) registra que o Pará representava um vasto campo, onde o arrojo, a perseverança e o gênio evangelizador dos missionários do padre Manoel de Nóbrega tinham que ser empregados. Assim foi que, em 1607, perto de um ano de viagem, os padres missionários são vítimas do ataque feroz de selvagens.

"... O padre Francisco Pinto foi martyr ás mãos dos selvagens ... o outro missionário que, Luis Figueira, que o acompanhava, salvou-se oculto no mato, reservando-se para igual destino mais tarde... foi este último o precursor dos seus no Pará. Chegara em 1636, no sequito do governador Francisco Coelho de Carvalho, tomado pela febre, que nelle foi constante, do pro selytismo, subiu o Amazonas, e embrenhou-se nas matas, a evangelizar as tribus do Xingu, ainda então mal conhecidas. De lá regressou, caminho da europa, onde foi por buscar mais companheiros, e requerer socorros materiaes ao governo de Madrid. Voltou somente em 1645, trazendo consigo mais quatorze missionários. A embarcação, em que ia com eles o governador Pedro de Albuquerque, primeiro nomeado depois da restauração, sossobrou perdida nos baixos, que ficam á entrada da

bahia do sol. Da tripulação e passageiros, salvou-se por parte nos botes. Os restantes naufragos, em cujo número Luis Figueira e onze dos religiosos, passaram-se a uma jangada, feita com os destroços da nau. A correnteza e os ventos levaram-nos á margem opposta, a ilha de Joanes, onde pereceram victimas da ferocidade dos Aruãs. (D'Azevedo. 1999:40)

Mediante uma diversidade de fatos, o padre Antonio Vieira, em concordância com o Governador, para congraçar os moradores, resolve mandar uma expedição a um local onde pudesse ter muitos escravos. Ilustrando essa decisão, D"Azevedo faz a seguinte narrativa:

" No Maranhão, assim como no Pará, opinavam todos que se fizesse guerra aos Aruãs e Neêngaíbas - guerra defensiva, que entrava na alçada do governador, e se justificava pelas agressões constantes praticadas por esses índios. Habitando em Marajó, eram elles não somente invencíveis na sua ilha inexpugnável, como também, servindo-se de canoas ligeiras, atacavam as aldeias dos indígenas submetidos, e vinham até junto da cidade saltar os colonos - por essa causa muitos engenhos jaziam abandonados. Attendendo ao voto dos habitantes, André Vidal proseguía também um fim político. Os selvagens da ilha de Joanes, escarmentados dos portugueses, contra quem nutriam estranho ódio, estavam nas melhores relações com os flibusteiros da Hollanda, que continuavam a penetrar no Amazonas pelo braço occidental. Menos ambiciosos que os donos de terra, sempre em cata de fabulosas riquezas, os aventureiros dos países baixos faziam em produtos de modesto valor um opulento commercio. Os tabacos comprados aos índios e as pescarias lhes bastavam; e cada anno mais de vinte navios carregavam peixe-boi, nas paragens do Cabo do Norte" (D'AZEVEDO 1999:69)

O conflito entre os missionários e Aruã, bem como a aliança entre estes índios e os holandeses, acabará por levar os portugueses ao desejo e a ação de escravizar os índios. Assim, compõem expedições com o fim de capturar os Aruã ou Nêengaíba. Essa vontade é relatada nos escritos de Padre Antônio Vieira:

"Eu vi de longe a ilha, e confio em Nosso Senhor que cedo se há de ver nella o fructo, que de terra regada com tanto sangue e tão santo se pode esperar - O zelo do Catechista patrocinava desta vez as necessidades da escravatura" (D'Azevedo. 1999: 69)

Com essa missão, é organizada uma expedição com a participação de cento e dez portugueses e todos os índios disponíveis com a participação do missionário João Souto-Maior, este abrasado num intenso desejo de martírio. Todavia, essa investida não obtém sucesso e a expedição voltou com grandes perdas.

"Mais uma a diligência dos portugueses foi improficua. A tática dos barbaros, levou vantagem a superioridade das armas, e a expedição regressou com grandes perdas. Fome e privações de toda espécie tornavam rmais penosa a retirada ... os portugueses (refere Vieira) iam rmais prevenidos de cadeias e grilhões para os escravos que de ataduras e o necessário para as feridas". (D'Azevedo. 1999: 69)

A expedição de aprisionamento dos Neêngaiba foi frustrada, considerando que prometia uma riqueza de escravos. Assim, os portugueses mudam sua estratégia e vão em busca de ouro, em outras paragens. Essa investida é considerada também sem sucesso. A incursão dos portugueses em Pacajá ficou conhecida como a 'Viagem do ouro'.

As tentativas de capturar os índios para fazê-los de escravos se estendeu até o século XVII, meados do século XVIII, como uma estratégia de ocupação e exploração da Amazônia.

Esses contratemplos não interromperam a obra da catequese pelos portugueses que, aos poucos, vão seduzindo as tribos com presentes. Assim, os indígenas vão abandonando suas moradas habituais, para estabelecerem-se em povoados, na vizinhança com os cristãos, perdendo sua identidade, através de um violento processo de aculturação.

"A voz do missionário, as tribus abandonavam os passageiros lares, que, em sua existencia quase nomade, haviam assentado à beira dos rios, ou no recondito das matas, e vinham estabelecer-se em povoados, na vizinhança dos christãos. Seduzidos com presentes ínfimos, rediam-se a vontade suggestiva dospadres, e seguiam-nos, com a innocente cobiça do animalfaminto aquem acenam com um saboroso bocado. Em caminho, convencidos por dadivas ou promessas recebiam o baptismo, aprediam a imitar os signaes exteriores do christianismo, decoravam preces cujas palavras mal repetiam, formulas cuja idéa symbolica jamais haviam de comprehender. Quando acordavam do sonho de bem estar - quão mesquinho - o que lhes deslumbravam as imaginações infantis, era

tarde. O padre suggestionara-os, quebrando-lhes as vontades, e fizera delles um immenso rebanho, escravizado aos gestos do pastor. Durante a jornada pereciam muitos, principalmente creanças;mas, como já fossem baptizados, os padres exultavam : eram tantas outras almas ganhas para o céu". (D'Azevedo. 1999:72)

Em 1659, Vieira consegue reduzir as tribos do Marajó, o que não haviam conseguido com as armas. Era uma conquista de suma importância para a Colônia, pois esta considerava abertas as portas do Amazonas a ela e, no contraponto, fechada aos Holandeses.

"Em 1659, Vieira consegue reduzir as tribus do Marajó. O feito é extraordinário e quase milagroso. O que não tinha conseguido a força das armas... era a conquista de summa importância para a colônia; por ella as portas do Amazonas ficam definitivamente cerradas aos hollandez"(D'Azevedo. 1999:73)

A fronteira da dita civilização, concretizada pelo avanço das frentes de ocupação estrangeiras sobre o território brasileiro e, particularmente, sobre o território amazônico, concretizado pelo domínio e jugo português, através de sucessivas lutas, capturas e escravidão pessoal, em que o índio era desgarrado do seu grupo em nome da chamada catequização ou conversão do gentio, acabou por disseminar a aculturação e a perda da identidade indígena Aruã, causando, não raro, a dispersão e a dizimação de um povo, que deixou como elemento cultural a sua sabedoria milenar, expressa nos costumes e tradição, sobretudo no traço étnico do caboclo marajoara - "um mestiço de face racial predominantemente indígena".

## 2 Santo Antônio de Aruãs, Equador e Chaves: a trajetória política de uma civilização marajoara.

A cidade de Chaves está localizada no arquipélago do Marajó, no estado do Pará. Limita-se, ao Norte, pelo Canal principal do Rio Amazonas e Oceano Atlântico; ao Sul, com os município de Cachoeira do Arari, Santana do Arari e Anajás; a Leste com o município de Soure e a Oeste com os município de Afuá e com o Rio Amazonas. (IDESP:CEE)

"Minha avó dizia que os avós dela diziam que chamavam aqui de 'Boca do Amazonas', porque era muito estreito... ai tem duas ilhas muito famosas - Caviana e Mexiana. A esquerda, Caviana, e a direita,



Mexiana: aqui é a boca do Amazonas, que sai para o Oceano Atlântico e não se vê mais terra" (Registro de Campo:2001)

A origem do município, segundo registros históricos esparsos, revela ter sido uma região ocupada por povos antigos, que em olarias confeccionavam peças cerâmicas. Este local fora posteriormente ocupado pelos índios Aruãs, onde fundaram uma aldeia, até a chegada dos frades capuchos de Santo Antônio e os colonizadores europeus.

"Os portugueses estiveram aqui depois dos índios e colocaram o nome de Santo Antônio, por causa do Santo Antônio de Pádua, lá em Portugal. Eles colocaram a imagem de Santo Antônio e colocaram o nome de Santo Antônio de Aruãs, por causa dos índios que moravam aqui". (Registro de Campo:2001)

Há registros oficiais de que a origem do município de Chaves encontra-se no desenvolvimento da catequese, derivando de uma antiga aldeia dos índios Aruãs.

"Os verdadeiros fundadores de Chaves, foram os frades capuchos de Santo Antônio, que se infiltraram na aldeia dos Aruãs, iniciando a catechese dessa tribo, em 1617". (Dec.669:1932)

Foi nessa região, na Costa Norte da ilha do Marajó, que foi criado um centro de catequese, nos primórdios da colonização do Pará, onde os frades capuchos instalaram seus assentamentos, no local onde é hoje a cidade de Chaves.

A partir desse centro/assentamentos é que os missionários capuchos de Santo Antônio fundaram uma missão, passando a catequizar os aborígenes da ilha do Marajó.

A cidade de Chaves, originária da Tribo dos Aruã, denominava-se Aldeia de Santo Antônio de Aruãs.

"Santo Antônio de Aruãs, foi edificada na costa septentrional da ilha do Marajó, junto a Ponta do Rio Maguary eem frente a ilha de Cavianna, no archipélago do Marajó, no local onde existiu a aldeia dos índios Aruãs".(Álbum do Pará, 1939:229)

" A actual cidade de Chaves, originariamente taba dos Aruãs, chamou-se aldeia de Aruãs, nomição que conservou até ser elevada a Villa, em 1758". (Dec.668:1932)

Em 1755, Francisco Xavier Mendonça Furtado, no dia 6 de junho, dá o predicamento de aldeia para, dois anos depois, elevá-la à categoria de vila.

"O capitão General Francisco de Mendonça Furtado que, para se tornar agradável a Coroa, excedendo às prescrições da Lei de 6 de junho de 1755, estendeu substituir por nome de "algumas villas da mesma Real Casa de Bragança" os bárbaros nomes que por aquella lei subiram à categoria de vila logares, rnais para justificar a volência retirada da assistência catechista dos jesuítas aos selvagens que para proteger a estes ou devolver a conquista". (Correspondência dos Governadores do Pará com a Métropole (Dec.668:1932)

Em 1765, foi diretor da Vila Francisco Rodrigues. Em 1805 foi juiz ordinário da Vila Gaspar Roiz Ferraz e Fróis.

Final do século XVIII, Chaves torna-se uma referência, através da criação de um centro militar (aquartelamento de um batalhão), com pesada guarnição, considerando estar uma situada geograficamente em uma posição estratégica (às proximidades da foz do Amazonas), para garantia do domínio luso-brasileiro, na ilha do Marajó.

A adesão do Pará à Independência do Brasil teve, em Chaves, comemorações com caráter solene.

" Em 14 de setembro de 1823, a guarnição, em acto solemne, realizado no quartel da 8ª companhia de cavallaria e Infantaria, da Legião da 2ª linha, com a presença do Capitão comandante militar e de polícia Manoel Carlos Gemaque de Albuquerque, auctor da iniciativa de solemidade, e com o comparecimento do Senado da Câmara, como principal representante do povo, teve logar o acto de adesão, com a Proclamação de D.Pedro I imperador e defensor pèrpetuo do Brasil". (ANNAES DA BIBLIOTHECA E ARCHIVO PÚBLICO:207)

Em 23 de junho de 1829, toma posse a primeira Câmara Municipal<sup>1</sup>, que tinha um mandando de 3 anos. Vigorou, assim, de 1829 até 1874, quando então foi dissolvida pelo governo da Província para, então, ser criado o cargo de vereador.<sup>2</sup>

Em 1833, O Conselho do Governo da Província substitui o nome da Vila de Chaves, para "Equador", devido a sua localização geográfica, abaixo da linha do Equador. O nome "Equador"

foi mantido até 1844. Em 11 de setembro de 1844, através da Resolução n.º 117, o Governo da Província fica autorizado a marcar os limites de Chaves, restituindo-lhe o seu antigo nome.

"Aqui já foi Equador, Santo Antônio de Aruãs e Chaves, mudou de nome 3 vezes, foi chamado de Equador, por causa da linha do Equador que passa aqui, Santo Antônio de Aruãs, por causa dos frades capuchinhos e dos índios Aruãs e Chaves, por causa dos colonizadores Europeus" (Registro de campo.2001)

Atingida pela erosão, que avança sobre a vila de Chaves, é criada, em 12 de dezembro de 1859, a lei n.º 352 que determina que a Vila de Chaves proceda à mudança de local, deliberação executiva não acatada pelos moradores, que permanecem no local, mesmo afastado pela força das águas do rio Amazonas.

**1833 a 1836 - Câmara Municipal** - Cândido José Alves Porto - presidente; e, vereadores, Julião de Almeida, Samuel Corrêa da Boa Morte, Manoel Bebiano de Oliveira Pantoja e Manoel José São Paio;

**1837 a 1840 -Câmara Municipal** - Silvano Joaquim Rodrigues, Antônio Valente de Almeida Cordeiro. Joaquim Antônio da Silva, José Lopes de Almeida Malafaia, Silvestre José Torres, Antônio José de São Paio e Emygdio Antonio Coelho;

**1841 a 1844 - Câmara Municipal** - foi presidente da Câmara Manoel de Almeida Couto e Abreu;

**1849 a 1852 - Câmara Municipal** - Francisco Marques de Oliveira Britto, Ladislau Antônio de Paula, Antônio Gonçalves dos Santos Bastos; Antônio Manoel Gonçalves, Miguel Antoniop dos Anjos, José Maria doe Almeida e Silva e Emygdio Antonio Coelho;

**1853 a 1856 - Câmara Municipal** -Jacyntho da Cunha São Paio (presidente) e veradores, Antônio José de Souza Teixeira, José Clarindo Ferreira Martins, Pedro Paulo dos Navegantes, João Francisco da Silva e Anacleto José Espíndola;

**1857 a 1860-Câmara Municipal**, João José Mendes (presidente), e, Braulio Ludgero Coelho, Quintino Antônio dos Santos, Luís Antônio dos Santos, Luiz Antônio de Almeida Nobre e Miguel Antônio dos Anjos;

**1861 a 1864-Câmara Municipal**, Dr. Joaquim José de Assis, João José Mendes, Leonel David de Oliveira, Emygdio Antônio Coelho, Miguel Antônio dos Anjos, Manoel de Almeida Coutinho e Raphael Gonçalves Bagundes;

**1864 a 1868 - Câmara Municipal**, Balthazar Antônio Gomes,, João Victorino Ribeiro, Emygdio Antônio coelho, Francisco Marques de Oliveira Britto, Felipe Joaquim de Souza Rabello, Miguel Ferreira da Silva e João José Mendes.

**1869 a 1872 - Câmara Municipal**, João José Mendes, Antônio Joaquim Coelho de Carvalho, João Baptista de Paula, Basilio Magno Ferreira Ribeiro, João Victoriono Ribeiro, Augusto César Pereira Gemaque e José Victorino **Barboza**.

**1873 a 1876 - Câmara Municipal**, João Baptista de Paula (presidente), e, vereadores Augusto Cezar Pereira Gemaque, Eugenio Francisco da costa, Domingos Pereira de Souza, Felipe Joaquim de Souza Rabelho, Amancio José Espíndola e Silvano Joaquim de Souza Rodrigues.

**1877 a 1880 - Câmara Municipal**, João Baptista de Paula, Domingos Pereira de Souza Rabello, Basilio Magno Ferreira Ribeiro e Annibal Henriques Coelho de Carvalho

**1880 a 1883 - Câmara Municipal**, Augusto Cezar Pereira Gemaque (presidente), e, vereadores, Francisco Gomes Figueredo c Vasconcellos, Amancio José Espíndola, Dionysio Cardoso da Fonseca, Pedro da Silva Dantas c José Victorio Barbosa.

**1884 a 1887 - Câmara Municipal**, Leonel Garcia de Oliveira ( presidente),e, veradores, Izidoro Francisco, Manoel Januario Dantas, Quintino Antônio dos Santos, Manoel dos Santos Rangel e Idalino Augusto da Motta Nobre.

**1888 a 1891- Câmara Municipal**, Manoel Francisco Honorato Junior (presidente),e, vereadores, João A . acífico Cantuaria. Domingos Pereira de Souza, Amancio José Espíndola, Theodoro Severo Maciel, Francisco Gomes de Figueredo e Vasconcellos c Pedro Antonio de Almeida

Em 09 de março de 1889, é promulgada a lei n.º 1.350 que cria a Comarca de Chaves, passando a ser instalada, em 12 de março de 1890, já no Período Republicano.

Em 15 de fevereiro de 1890, é criado o Decreto n.º 40, pelo qual a Câmara Municipal dissolve o Governo Provisório do Estado, criando, concomitante, através do Decreto n.º 41, o Conselho de Intendência Municipal, sendo nomeado como presidente Manoel do Carmo Faro e, como vogais, bacharel Manoel Francisco Honorato Junior, Amancio José Espindola, Eugenio Francisco da Costa e Esmeraldo José Monteiro.

Fizeram parte do primeiro Conselho Municipal eleito na República, Amâncio José Espindola, Intendente; e, vogais, João da Cruz e Silva, Joaquim Pereira Chaves, Elisiario José da Conceição e Manoel Ignacio Ferreira. O segundo Intendente Municipal foi Manoel de Miranda Ruy Secco.

Em 23 de janeiro de 1891, através do Decreto n.º 270, Chaves é elevada à categoria de cidade.

Em 10 de outubro de 1901, 13º ano da República, é criada a Lei n.º 785, pelo então Governo do Estado, Augusto Montenegro, que autoriza o Conselho Municipal de Chaves mudar a sede do município para outra localidade chamada Bacury, face ao avançado processo de erosão provocado pelas águas do Amazonas. Repetindo o mesmo ato, a população resiste em ser remanejada.

"Auctoriza o Conselho Municipal de Chaves a decretar a mudança da se'de d'aquelle município para o logar Bacury" (Montenegro: 1901)

"Já até quizeram mudar a cidade para Bacuri ou Arapixuna, mas o povo não quiz"(Alfredo Lopes:2001)

Com a divisão administrativa do município em 1911, Chaves passa a ser composta por 4 distritos: Chaves, Arapixi, Prainha e Arrozal.

Em 4 de novembro de 1930, é criado o decreto n.º 6, cujos dispositivos são confirmados pelo Decreto n.º 78, de 27 de dezembro de 1930, os quais mantêm o nome do município de Chaves.

Em 07 de junho de 1932, é criado o Decreto n.º 668, que retorna o nome do distrito e a sede de Chaves para Santo Antônio de Aruãs, decisão do Major Interventor do Pará- Joaquim de Magalhães Cardoso Barata.

"...considerando que perpetuar o nome das tribus dos aborígenes, fixados no território nacional, em seus habitaculos primitivos, é tarefa de elevado culto a memória dos ignominios povos americanos, encontrados pelos portugueses no Brasil em plena idade neolítica e implica na conservação de inestimável material glotico, de apreciável valor ethnologico...

... considerando que o restabelecimento dos nomes das tabas selvagens transformados em villas e apegadas pelo zelo administrativo de Francisco Xavier Mendonça Furtado, além de representar um acto de verdadeira justiça a memória dos primitivos habitantes dessas regiões, constitui legitima e perfeita obra do nacionalismo...

... considerando que a iniciativa dessa Interventoria não plasma uma inovação administrativa, na República porque attitude igual há tido no Estado de São Paulo, não só na restauração dos povos aborígenes de suas communas, como na aplicação de nomes tupy e tapuias na denominação dos municípios recém-creados....

...considerando que os Aruãs prestaram relevantes serviços a obra de consolidação do domínio portuguez, na foz do Amazonas, desde Gurupá, luctando com assobrosa bravura, ao lado dos lusitanos, contra os aventureiros intrusos de vários nações europeas, nas éras coloniaes, sendo por esses serviços o seu principal Manajobóca, nomeado pelo Rei de Portugal "Governador de toda a nação Aruã"

Decreta

Art. 1º O actual município de Chaves e a Comarca de Chaves, denominar-se-ão, d'ora em diante, Santo Antônio de Aruaãs.

(Palácio do Governo do estado do Pará, 7 de Junho de 1932).

Joaquim de Magalhães Cardoso Barata  
Major Interventor  
Fausto Batalha  
Secretario do Interventor e Justiça Interino

O município de Aruãs, no quadro da divisão administrativa do Brasil, referente ao ano de 1933, compreende unicamente o distrito-sede. A lei estadual n.º 6, de 31 de outubro de 1935, confirma também a existência do município de Santo Antônio de Aruã, que, no quadro de divisão territorial datado, de 31 de dezembro de 1936, se compõe de 8 distritos: Santo Antônio de Aruãs, Arapixi, Rebordelo, Goiabal, Ganhoão, Arrozal, Ilha Viçosa e Cururu, observando-se o mesmo no datado de 31 de dezembro de 1937.

Em 31 de outubro de 1938, através do Decreto-lei estadual n.º 3.131, o município e seu distrito-sede voltam a denominar-se Chaves, permanecendo com esse nome até os dias atuais.

"Acho que Chaves deveria trocar de nome, porque Chaves significa trancar fechar. Na época da lei Orgânica, a gente sugeriu que fosse trocado o nomes e colocasse Santo Antônio de Aruãs, mas a maioria dos vereadores não concordaram com a tese".(Registro de campo.2001)

A história social, política e econômica de Chaves também é narrada em versos, através da poesia de um caboclo nativo daquela região que, inspirado nas lembranças de um tempo histórico e de um espaço construído pelas relações sociais, compôs o hino e Chaves.

Salve Chaves  
Terra secular  
Dos Aruãs tens a lembrança  
De um passado sem igual  
Pois tu és a minha esperança  
Deste Pará triunfal

(refrão)  
Oh! terra abençoada  
Neste recanto, distante  
Onde a brisa sopra forte  
Entre os campos verdejantes

De um dia ser promissor  
Vivem teus filhos na certeza  
Ficas, na linha do Equador  
Em contato com a natureza

És e sempre serás  
Um recanto do amor

(refrão)

Nos campos vive o vaqueiro  
Nos rios o pescador  
Nas matas o seringueiro  
Grandes batalhadores  
Do Marajó hospitaleiro

## 3 PARTEIRAS E ENCANTARIÁS - ASPECTOS DA CULTURA CABOCLA EM CHAVES

### 3.1- PARTEIRAS:

"Discípulas da natureza, seguem à risca seus ensinamentos. Regidas pelo signo da lua, doutoras em conhecimento do senso comum. Observadoras, criteriosas, pacientes, sensíveis e companheiras. Para elas não existe distância, o compromisso com o seu fazer determina sua predestinação de sempre 'acudir' quando 'chega a hora'. Concentradas na responsabilidade que lhes cabe, elevam suas preces e quando a criança já vem são suas mãos as primeiras a receberem no mundo exterior a repetição do milagre da vida" (Maciel.2000:99)

As parteiras possuem uma importância especial nas localidades onde inexitem médicos, hospitais ou postos médicos. Elas são as responsáveis por trazer ao mundo as criancinhas.

Entretanto, vários estudos antropológicos<sup>3</sup> indicam aspectos paradoxais na relação que a comunidade mantém com as mulheres parteiras. Dependendo do tipo de iniciação nas atividades de parto, essas mulheres podem ser temidas e, ao mesmo tempo, respeitadas. Esse elemento paradoxal que marca o imaginário social em torno das parteiras, se dá em virtude da percepção com relação à mulher-parteira como uma categoria que, ao mesmo tempo<sup>4</sup> em que traz à vida um novo ser, também pode ocasionar problemas de toda ordem a outros seres (plantas, animais e homens). Neste aspecto, o caráter da *desordem* atribuído à mulher-parteira reca,i preferencialmente, sobre aquelas consideradas *parteiras de Dom*, ou seja, que tiveram uma espécie de aviso ou "choraram no ventre materno". Há, ainda aqui, um outro aspecto que merece ser analisado e que também

contribui para alimentar o "temor" diante dessas mulheres, ou seja, o fato de uma parcela significativa das parteiras de "Dom" serem curandeiras ou desenvolverem práticas ritualísticas, voltadas para a pajelança.

Em Chaves, através de registros coletados, identifica-se, na atualidade, apenas a existência das *parteiras treinadas*, significando dizer que, embora essas mulheres não possuindo o "Dom", receberam treinamento<sup>5</sup>, especializado ou não, para desenvolverem a função social de parteira.

Entretanto, o fato da não existência concreta das parteiras de "Dom", não impede o registro ou a existência simbólica dessas mulheres, sobretudo quando os sujeitos investigados, numa tentativa de (re)construção do passado, conseguem "falar" dos feitos ou "causos" desses personagens, já que

"A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança"(Bosi,1992:15)

E é dando vazão à lembrança como sobrevivência do passado, que uma informante narra a estória da parteira Maria Cai n'água que, em épocas passadas, era muito temida e respeitada no município de Chaves. Conta a narradora:

" Tinha uma parteira chamada Maria José, que era popularmente conhecida como Maria Cai n'água, Era uma parteira curiosa... porque nunca passou na porta de uma Universidade, nunca fez um curso... Então essa senhora, contavam que ela virava bicho. Vamos dizer que se hoje tinha um casamento,mas amanhã de manhã cedo, contavam pro pessoal que ela passava a noite aqui... ela levava as notícia para o marido dela, que inclusive era chamado de "Chico Diabo"... ela contava... e o pessoal desconfiava que ela virava bicho, e ela se transformava em uma égua... Ela morava em um lugar chamado São Sebastião, ela passava a noite em Chaves; de madrugada caía na água e ia dar as notícia na comunidade de São Sebastião. Ela era parteira, mesmo sabendo que ela virava égua, que vinha para a cidade, que o marido dela era o Chico Diabo, as mulheres faziam o parto com ela, porque não tinham para onde correr... Aliás, tinha outras parteira, mas as mulheres só recorriam a ela devido à fama de seus poderes"(Registro de campo,2001)



Em Chaves, no grupo das parteiras curiosas ou treinadas, é possível identificar práticas distintas desenvolvidas por essas mulheres na hora do parto. Algumas parteiras, quando indagadas a respeito do trabalho de parto, abordaram o assunto de maneira extremamente técnica, inclusive fazendo uso de palavras comumente utilizadas pelos médicos obstetras. Quando questionadas acerca dos medicamentos utilizados e indicados para as parturientes, existe a predominância dos ditos remédios halopáticos, com pouca expressividade para medicamentos de manipulação caseira, eis alguns depoimentos:

"...Sou parteira há muito tempo. Nem sei quantas crianças eu já peguei... Eu posso me considerar uma pessoa curiosa... minha mãe era parteira e foi ela que me mostrou tudo, me ensinou... Eu não gosto de fazer os parto com reza, com benzimento... eu não acredito nessas coisa... nem se as pessoa pede.. eu não faço isso... eu vou lá, eu puxo a barriga, eu faço o meu serviço e, depois, vou embora. Eu pego água quente, fervida, pano limpo, uma tesoura esterelizada, eu uso álcool iodado para não dar infecção... eu acompanho tudo e, depois que tudo já tá bom, eu vou embora... Minha mãe é que fazia muita reza, se apegava com os santos e receitava chá, mas eu não faço isso não..."(Registro de campo 2001)

"Eu me tornei parteira por pura necessidade... Quando eu tive o meu primeiro filho, eu tive muita dor e não tinha parteira pra onde eu morava. Meu marido tinha que varar a noite e voltar só de manhã com a mulher prá fazer o parto... então, eu criei coragem e fiz, sozinha... eu fiquei de cócoras e fiz muita força para o menino sair... Não dei um grito, porque mulher que é mulher não grita para dar luz. Ela tem que ser forte... e eu peguei o meu filho sozinha. Quando o Zé chegou com a mulher, eu já tava com o menino no braço e ela olhou tudo e viu que tava tudo bem e disse que eu dava uma boa parteira. Então eu comecei a pegar os filho das mulher de casa. Primeiro com medo mas depois com coragem, porque eu sabia como era... Mas eu não usava nada dessas besteira, eu não falo dessas coisa... eu só pedia para o Senhor Jesus me ajudar... Isso quando eu fazia parto... Agora eu não faço rnais. Minha religião não permite"(Registro de campo,2001)

"Quando eu faço os parto,eu digo para elas tomarem remédio de farmácia que é rnais seguro... Eu não passo chá, porque não acredito

e porque as mulheres de hoje também não gostam dessas coisa... Então eu falo que elas devem ficar de repouso, devem andar pouco de devem de ficar em casa até elas se recuperarem de tudo direito"(Registro de campo.2001)

Apesar da grande incidência de registros de campo, que dão conta da atuação das parteiras treinadas, que não recorrem a práticas ritualísticas para a execução dos partos, não é possível afirmar que, em Chaves, as parteiras curiosas ou treinadas que recorrem a rezas e benzições sejam figuras inexistentes. Apesar de poucas, algumas delas resistem e continuam fazendo parto, quando solicitadas. É bem verdade que a frequência com que essas mulheres executam suas práticas não se assemelha àquelas citadas anteriormente, e, geralmente, seus trabalhos são requisitados por mulheres que moram em localidades distantes da sede de Chaves, onde a utilização de ervas caseiras, rezas, benzições e outros elementos da cultura cabocla ainda se fazem presentes no cotidiano social. Eis alguns depoimentos:

"Quando eu ainda era pequena, minha mãe disse que eu ia ser que nem ela, que eu ia ser parteira... Só que eu tinha muito medo, eu achava que não dava para isso não... Só que eu gostava de ver a minha mãe fazer o serviço... ela era muito solicitada... Foi a minha mãe que pegou todos os meus filho e das mulheres de casa... Quando ela morreu, a minha filha tava barriguda e ela disse que eu ia pegar o filho dela... E eu com medo... Só que, quando chegou a hora, não tinha ninguém para fazer o parto e o jeito foi eu fazer... então, era como se minha mãe tava perto... Eu comecei a fazer tudo que ela fazia e deu tudo certo. Depois disso, eu não tive mais medo e hoje não sei dizer quantos partos eu fiz... Eu acredito que as reza ajuda na hora de Ter... eu acredito que a gente deve pedir permissão para fazer as nossa coisa, pedir permissão para os santos, para os invisíveis... Eles também ajudam..."(Registro de campo:2001)

"ah, minha filha, hoje eu já não sou... Eu já não dou pro serviço... Ainda tem gente que vem aqui me buscar, mas eu já nem gosto. Vou por obrigação, porque esse é o meu ofício, né? Mas as mulher de hoje já não gosta de fazer as coisa que os antigo madava... Mas mesmo assim eu faço.... Olha, eu vou com meus santo todo (Nossa Senhora do Bom Parto, São Raimundo...) Eu peço prá eles me ajudarem... eu primeiro puxo a barriga, eu uso defumação... puxo bem a barriga

que é pra criança sair...e eu fico rezando... depois eu pego o alho e a cachaça e passo na barriga da mulher e também nas minhas mãos... sempre fiz isso e nunca me aconteceu de perder uma criança ou da mãe ficar doida" (Registro de campo:2001)

"quando eu me preparo para fazer um parto, eu rezo para São Raimundo, que é o santo protetor das mulheres grávida... é assim:  
No cantar do galo,  
Raimundo Santo já levantou  
Foi à busca de Nossa Senhora.  
Volta Raimundo santo,  
Que graças te dou  
Que na casa que tu entrar  
Não terá menino abafado  
Nem mulher de parto."(Registro de campo:2001)

Os processos ritualísticos acima descritos parece estarem claramente associados às idéias sobre *poluição*," relacionada ao sangue da mulher e sua capacidade de contaminar as pessoas que entrarem em contato com ele. Ou seja, conforme Motta-Maués(1993), esse tipo de comportamento pode ser interpretado no sentido de um ritual de purificação, em que as pessoas, agindo daquela forma procuram evitar que a poluição (de todo aquele material expelido pelo corpo) se espalhe e venha a contaminar alguém.

Apesar da grande procura pelas parteiras treinadas, não envolvidas com práticas ritualísticas em detrimento daquelas voltadas para a pajelança, em Chaves ainda é possível se observar uma espécie de restrição à mulher - principalmente por parte das mulheres mais velhas - envolvendo elementos simbólicos em torno do órgão reprodutor feminino. Entretanto, tais elementos já não estão tão solidificados na população feminina atual, como no passado, haja vista o tipo de conduta comumente executada pelas mulheres do lugar, em relação ao ciclo biológico (menarca, menstruação, gravidez, parto,puerpério e menopausa). Talvez esse indicador de alterações nos valores culturais locais, principalmente os referente à maneira como a mulher atual vive o seu ciclo biológico, apresente uma associação com a redução, por parte da população local, na procura e uso da medicina cabocla (parteiras, pajés e encantados)<sup>7</sup>.

E, especificamente na gestação, puerpério ou pós-parto que o campo das restrições à mulher se materializa, sobretudo aquelas que envolvem restrições de caráter alimentar e sexual. Particularmente, em se tratando das restrições alimentares, as parteiras, após atenderem as mulheres

gestantes, indicam o tipo de alimentação que elas devem Ter no "resguardo"\*, incluindo na dieta galinha de quintal e peixe de escama. Há ainda registros de parteiras que, acompanhando a mulher grávida durante todo o período gestacional, se tornam a responsável pela dieta alimentar, fazendo sérias restrições a alguns tipos de peixes,

"...assim, quando a mulher tá gestante, assim, prá ela comer, vamos dizer, ela não pode comer certas comidas... Olha, primeiramente negócio de peixe anujá, não presta comer, porque tem problema no parto. O poraquê também não presta, dá tremor... dá tremor, ela come, mas quando ela vai ter a criança, ela tem aquele sintoma, sabe? Dá tremor na mulher. O anujá dá problema também, a criança vem assim, embaraçada... Agente, na hora do parto, vai fazer aquela força... E porque o anujá só que tá dentro do buraco... aí a criança não quer sair... O sarapó também não pode... se a pessoa comer esse peixe, só que dá um tremorzinho, mas é... dá espaço pra criança nascer rápido..."(Registro de campo:2001)

No campo da restrição sexual, a mulher, durante o período do "resguardo", não deve manter relações sexuais, sob pena de trazer muitos malefícios para quem transgredir essa regra, uma vez que :

" a mulher pode ficar doida, sangue pode subir para a cabeça dela e se ela não curar, ela pode morrer.."(Registro de campo:2001)

" Eu sempre aviso que elas não devem fazer nada disso com os marido dela, que elas podem se estragar toda e, mulher estragada, homem não gosta não..."(Registro de campo:2001)

"Minha filha, sabe como são essas coisa, homem é como bicho né? Então, eu digo: olha lá o que vocês vão fazer... deixa ele chorando, mas não dão não... porque é ruim prá vocês. Eles que esperem ou então vão pra trás das bananeira...há,há,há..."(Registro de campo:2001)

Apesar de existirem regras que impõem restrições alimentares e sexuais, muitas mulheres, em Chaves, não as seguem. Entretanto, esse não cumprimento às regras é visto pelas parteiras do lugar como algo que pode prejudicar, sobremaneira, a saúde da mulher, tornando-as "**estragadas**"

corno as **mulheres da cidade**"<sup>9</sup>, que não seguem nenhuma prescrição. De acordo com as informantes, a infringência às proibições, principalmente a de ordem sexual, pode trazer conseqüências muito sérias como a hemorragia e o "**parto subir para a cabeça**".

### 3.2- O MÍTICO E O SIMBÓLICO NA ILHA DE MARAJÓ: UM OLHAR SOBRE AS ENCANTARIÁS EM CHAVES

" As ilhas são o efêmero e o contingente. Só o mar é eterno e necessário.... A verdade é que ninguém rmais do que o ilhéu, a não ser talvez o homem da planície, possui o instinto da amplidão. E com os próprios olhos que tiramos do mar a terra que nos faltou. (Nemésio, Corsário das Ilhas, 1980)

São ilhas afortunadas  
São terras sem Ter lugar  
Onde o rei mora esperando  
Mas, se vamos despertando  
Cala a voz, e há só o mar

Fernando Pessoa - *Ilhas Afortunadas*

De acordo com Diegues (1998), algumas ilhas brasileiras, como a de São Luis, Marajó, Santa Catarina, ainda hoje apresentam o domínio do mítico, do fantástico e mesmo do sobrenatural, já que essas ilhas ficaram, por muito tempo, isoladas geograficamente. Mas esse isolamento não deve ser considerado o fator principal para o surgimento de um número significativo de mitos e lendas. No imaginário insular da região Norte, existe uma clara influência indígena e portuguesa. Já em Santa Catarina, antigamente chamada de *ilha do Desterro*, as muitas lendas são de clara influência açoriana.

É interessante perceber a grande semelhança existente entre lendas e mitos relativos à serpentes descomunais existentes em São Luís, Marajó e, também, em outras regiões "insularizadas" da amazônia, associando-as a guarda de grandes tesouros.

Segundo Câmara Cascudo, na tradição das cobras encantadas, uma princesa é condenada a viver num corpo de serpente, até que um homem de coragem quebre o encanto, restituindo-lhe a forma humana, encantadora.

"A cobra encantada é guardiã dos grandes tesouros que passarão

para a propriedade do vencedor. O processo do desencantamento, em quase totalidade dos casos, obriga o sacrifício de um cristão, untando-se com o seu sangue a cobra. Noutras ocorrências, bastará ferir a encantada"(Casculo. 1972:35)

A visão paradisíaca descrita pelos primeiros viajantes, quando aportaram na ilha do Marajó, continua viva nas descrições mais recentes, como a feita por Barroso:

"A ilha do Marajó é um punhado de terra liberta do continente. Marajó tem mesmo um encanto, uma sedução, pela sua paisagem, pelo seu clima, pela sua terra fecunda, pelos seus rios piscosos e belos. As paisagens marajoaras são de uma indiscutível e inigualável beleza. Elas empolgam, deslumbram, seduzem quem as vê"(Barroso, 1954:107)

Nesse mundo paradisíaco e perdido na imensidão da Amazônia, segundo o autor, existem lendas e mitos, vários deles relatados em seu livro (Casculo. 1972). Entretanto, um relato, em especial, chama atenção pela frequência da narrativa, identificada em muitas regiões ribeirinhas:

"Um pouco abaixo da cidade de Soure, numa ponta que tem o nome de Meu Sossego, numa curva do rio Paraquari, dizem os nativos que, nas noites de lua, lá pela meia-noite, aparece vindo descendo o rio, um navio completamente iluminado, e ao chegar nessa ponta *encanta-se*. Atribuem à *cobra grande*. Também dizem e afirmam que nas noites de lua, também pela banda da madrugada, avistam no rio um vulto grande, com dois faróis. Vem fazendo um banheiro e quando chega na poção bem defronte do Meu Sossego pára, leva horas olhando a lua e em dado momento mergulha no seio líquido do rio. Para o nativo, *a cobra grande* ou *boiúna*, semelhante a própria água polimórfica em que vive, transmuda-se comumente num navio fantasma, e, de velas pandas, cruzeiro sinistro por noites fechadas, singra assombrando os roceiros das beiradas, os pescadores na baía, os mariscadores nos lagos. De uma magnética fofocência ficam *mundeados* quantos a enxergam travestida nos múltiplos aspectos em que se encanta. (Barroso, 1954:202)

De acordo com Diegues, as lendas referentes aos navios encantados podem encontrar suas raízes na *nau catarineta*, relatada por Câmara Casculo. Essa nau que surge, de repente, nos

mares, aparece em lendas de vários países europeus. Nesse navio-fantasma, o capitão é uma alma penada ou mesmo o demônio, que faz naufragar os navios que dele se aproximam.

Em Chaves, apesar da população mais jovem não fazer referência, em suas falas, aos seres encantados, os mais velhos, (re)lembrando histórias vividas, conseguem trazer à tona passagens e situações envolvendo a cobra grande ou cobra Norato, como é mais comumente citado. Eis os depoimentos:

"... a minha mãe conta que o meu pai, quando eu ainda nem tinha nascido, contava que o meu pai, um dia viu um homem muito grande na ponta da praia.... Ele ficou olhando praquele homem e ele lá, parado... Quando o meu pai viu, ele já tava lá quase no meio dela... Ela tava de boca aberta e ele quase entrando nela.... Era uma enorme de uma cobra... a cobra grande... Ele sentiu que ia morrer... mas aí, voltou.... e ela estava lá, de boca aberta, na altura do rio.... Meu pai passou muitos dias com muita febre e dor... muita dor no corpo e na cabeça... Então, minha avó, que era ... era 'curadora', fez serviço nele e ele custou pra melhorar... não melhorou de todo não... De vez enquanto minha mãe via ele pensativo, como que querendo ir na direção do rio... ficava calado, não dizia nada... nada., ele morreu assim,,, olhando pro rio."(Registro de campo.2001)

"O navio encantado, aqui mesmo tem... tinha... Quando eu cheguei logo aqui, eu vi... vi um navio costeando, costeando... E igualmente um navio, só que é diferente mesmo a luz, ela aparece pra baixo, assim... As pessoa diz que são os olhos do bicho, da cobra grande... São os olhos dela assim..."(Registro de campo.2001)

Em Chaves, assim como em muitas comunidades amazônicas, os seres encantados são geralmente associados ao exercício da pajelança. Neste caso, aquele que tem acesso ao conhecimento dos "mistérios do fundo" são possuidores de uma espécie de poder mágico, distinguindo-os de outras pessoas. Ao se tornar pajé, xamã, passa a controlar os seres encantados, convocando-os para as correntes necessárias nos serviços realizados. Na atualidade, os seres encantados já não estão presentes no imaginário social de boa parte da população nativa, sobretudo os mais jovens, que desconhecem esses elementos míticos e seus poderes de cura ou "malineza".

Embora as parteiras do lugar não façam uso dos "seres do fundo" para ajuda em seus trabalhos de parto, algumas delas conseguem, através de um árduo exercício de memória, (re) lembrar de

parentes (principalmente mães e avós) que **"sabiam os mistérios dos encantados e usavam em seus trabalhos"**.

"... minha mãe fazia muitos trabalhos... Eu me lembro... Era muita gente que procurava ela... Ela contava que tirava essas coisa da barriga da mulher... que eles entravam e ficavam.... então... ela tirava... ela tirava... ela rezava, pedia ajuda... então, ela tirava..., ela ensinava todo que é quantidade de remédio, de chás... de ervas. Os rmais antigos, eles acreditavam nessas coisas... Eu sempre tive muito medo... Eu não gostava dessas coisa... Depois que a minha mãe morreu, ninguém trabalhou rmais com essas coisa..."(Registro de campo.2001)

"O pai do meu marido, a mãe dele era uma parteira das boa, né? Ele contava que a mãe dele ia prá essas banda do rio, todo mundo procurava ela., ela fazia trabalho com encantados. Esses encantados que são de fundo, né? Então ela ia... sozinha, que ela não tinha medo, pegava a canoa e ia embora... Ela também era devota, era muito devota... fazia... fazia as corrente de trabalho e curava criança, velho, menino... mulher... Tudo ela sabia... Mas o marido dela não gostava, às vez ela saia escondido dele... Mas ela não ensinou ninguém... Eu não conheci ela não, mas eu ouvia falar dela. Minha mãe falava muito dela..."(Registro de campo.2001)

Através desses depoimentos, é possível a percepção de que mesmo os seres encantados não sendo evocados pelas parteiras/curandeiras de Chaves, eles, enquanto elemento simbólico, ainda estão vivos na memória coletiva do lugar, uma vez que ela permite uma relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona nas águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço de toda a consciência, aparecendo como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Na realidade, pelo que se pode observar nos relatos, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças, já que ela - a memória - seria o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas, pois:

"A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado,



conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança"(Bosi.1986:15)

E são essas imagens-lembrança que, uma vez acionadas, 'deslocaram' as narradoras para um local privilegiado de percepção, levando à consciência do passado, mostrando que a memória da pessoa está amarrada à memória do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é memória coletiva de cada sociedade.

## **4 FALANDO DE FESTAS RELIGIOSAS E POPULARES EM CHAVES: BREVES ASPECTOS DE UMA CULTURA MARAJOARA**

### **4.1- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA**

De acordo com Brandão(1989), se olharmos para nossa própria vida, com bons olhos veremos como ela é uma seqüência de situações *únicas* ( o nascimento e a morte), *raras* ( o casamento ou o nascimento dos filhos) ou *repetidas* ( a série de aniversários) com que as pessoas da família, da parentela, da vizinhança ou dos círculos de trabalho ou de amizade festejam ou nos obrigam a festejar.

É fato que todo homem possui cultura, já que ele é "um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu" (Geertz.1989). E, fato, também que, enquanto ser biológico, todo homem nasce, cresce, reproduz e morre. Entretanto, como cada homem em sua sociedade, agrupamento humano ou grupo social vive esse ciclo biológico, depende de sua idiosincrasia, depende, sobretudo de sua(s) cultura (s).

Apesar de todos os homens, em todas as sociedades, possuírem cultura, não se pode pensar e analisar essa categoria conceituai como única, homogênea ou estática. Ao contrário, as culturas são extremamente heterogêneas e dinâmicas. Desta feita, as sociedades, quer sejam simples ou complexas, não possuem apenas um tipo de cultura. Elas possuem uma infinita capacidade de elaboração e (re)elaboração de elementos valorativos, simbólicos e morais que ordenam e dão sentido à vida dos indivíduos em sociedade.

Para entender a complexidade do termo cultura, Geertz (2001) enfatiza que os elementos para tal compreensão devem ser buscados nos pequenos detalhes da vida vivida, pois:

"... o que se revela muito instrutivo não é a simples realidade da heterogeneidade cultural em si e de sua grande visibilidade, mas a

imensa variedade de níveis em que essa heterogeneidade existe e surte efeitos; tantos, na verdade, que é difícil saber organizar um quadro geral, saber onde traçar as linhas de separação e colocar os focos(...) é difícil encontrar um compartilhamento de visões, formas de vida, estilos comportamentais, expressões materiais ou seja lá o que for que, por sua vez, não torne a se dividir em outros menores, embutidos nele como caixas dentro de caixas, ou incluídos por inteiro em outros maiores, incorporadores, como prateleiras empilhadas sobre outras prateleiras"(Geertz.2001:221)

Para Geertz, estudar os fenômenos culturais significa, sobremaneira, o caminhar por caminhos diversificados, na maioria das vezes, sem o menor consenso, já que tudo depende do quadro de comparação que se pretende elaborar, do pano de fundo com que se coteja a identidade e do jogo de interesses que a envolve e a anima.

Se não existe o ponto chave que se possa chamar de consenso, dentro de um determinado sistema cultural ou, em outras palavras, se a dificuldade existe para tal exercício, pelo menos pode-se perceber que os indivíduos, quando agrupados, desenvolvem estratégias míticas, simbólicas, morais, sociais que, uma vez introjetadas, ordenam o mundo social e são, em alguns casos, esses elementos que passam a compor o quadro - não de todo nítido - da identidade social. Neste caso, é investigando essa categoria que se pode descrever quem os sujeitos pensam que são e o que pensam que estão fazendo.

Se não existe uma regra capaz de 'obrigar' os indivíduos de uma mesma sociedade a viver o mundo cultural da mesma maneira, a 'regra' que vale é perceber que

**" a cultura é a lente através da qual o homem enxerga o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas" (Benedict.1972:35)**

Da mesma forma que homens de culturas diferentes possuem visões desencontradas, indivíduos da mesma sociedade não participam da mesma maneira no universo cultural, já que nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Entretanto, deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura, a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade.

Após essa breve reflexão em torno do termo cultura, apontando as dificuldades de leitura

e interpretação, além de localizar o indivíduo nessa produção cultural e de como se dá sua participação/interação na mesma, é possível analisar alguns aspectos referentes às *festas religiosas e populares* no município de Chaves<sup>10</sup>

#### 4.2-SANTO ANTÔNIO NO IMAGINÁRIO SAGRADO E PROFANO DO POVO CHAVIENSE



Santo Antônio nasceu em Lisboa, por isso ficou conhecido como Santo Antônio de Lisboa. Não se sabe com exatidão a data de nascimento do Santo. Uma antiga tradição, a coloca no dia 15 de agosto de 1195, século doze. Seus pais foram Martinho de Bulhões e Teresa Taveira, pertencentes a uma família de ricos comerciantes. Ao nascer, fora batizado com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo. Ainda criança, seus pais o entregaram para ser doutrinado pelos clérigos da Catedral . Aos sete anos ingressou na escola episcopal da Sé de Lisboa, ficando até a mocidade. Foi ordenado sacerdote em 1220, mudando o seu nome para Frei Antônio. Trabalhou em Pádua (Itália) até o fim de sua vida, vindo a falecer em 13/07/1231, com 36 anos de idade. Foi sepultado em Pádua, por isso ficou conhecido, também, como Santo Antônio de Pádua. Um ano após a sua morte, foi canonizado por Gregório IX por causa de seu imenso saber. Frei Antônio defendeu os pobres contra a exploração dos usuários e contra os maus tratos dos bárbaros invasores. (Biografia de Santo Antônio de Pádua)

A devoção a Santo Antônio foi trazida pelos portugueses, tornando-se o santo mais popular do Brasil, onde é considerado como o Santo milagroso.

Em Chaves, Santo Antônio é o padroeiro da cidade, ou seja, aquele que tem o direito de conferir benefícios,

<sup>10</sup> Infelizmente os dados coletados através das narrativas não permitem fazer uma análise em torno da estrutura ritualística dessas festas. Neste sentido, a interpretação empreendida procurará dar conta da visão que os sujeitos do lugar percebem essas festividades e de como eles participam das mesmas.

de proteger e defender os que lhe rogam ajuda pessoal e familiar e ainda tem a obrigação de defender aquele território contra as intempéries da natureza.

Registros históricos informam que os fundadores de Chaves foram os padres capuchos de Santo Antônio, que deram início à catequese na região do Marajó, justificando assim a forte presença religiosa de Santo Antônio, como o patrono do povo chaviense.

É importante considerar ainda a influência da colonização e do domínio português, na devoção do Santo, considerando que o nome Chaves não se constitui como expressão histórica do Brasil, nem particularmente da Amazônia. Recordamos apenas " ... a vila de igual nome de Traz-os-Montes, em Portugal, país de origem de Santo Antônio".

As narrativas em torno do culto a Santo Antônio revelam que o mesmo foi um homem revolucionário e que, vendo a miséria das famílias, buscará ajudá-las e soerguê-las da condição desumana em que viviam, o que teceu uma piedade popular em torno de seu nome.

Os feitos de Santo Antônio impressionaram de tal modo a população, o que acabará criando uma diversidade de lendas que foram incorporadas à sua vida, levando milhares de fervorosos e adeptos a cultivar o Santo - eram índios, pagãos, ortodoxos, cismáticos e outros.

A imagem de Santo Antônio é interpretada pelo imaginário popular, revelando o seu poder simbólico. Assim é que tem o menino Jesus no colo, revelando duas versões: a primeira de que havia ocorrido uma aparição do menino Jesus a Santo Antônio; e, a Segunda, deve-se ao reconhecimento de Jesus à notoriedade de Santo Antônio, dada a sua simplicidade e a profundidade de seus sermões, que impressionaram a todos, ricos e pobres, humildes e poderosos. É representado, ainda, com um livro ou lírio nas mãos. O livro simboliza a palavra de Deus, tão divulgada por Santo Antônio em seus sermões às multidões, e os lírios representam o símbolo da pureza, da consagração e da fidelidade.

A popularização de Santo Antônio transformou a fé em credence, envolvendo significativamente até a máquina comercial. Assim é que sua imagem passa a ser propagada como o santo casamenteiro, santo responseiro, chegando até a constituir-se como elemento de propaganda de casas comerciais e que, por isso, pode levar comerciantes à certeza da obtenção de lucros materiais.

Santo Antônio é especialmente convocado para ao auxílio ou para a busca das coisas perdidas, uma prática que ficou conhecida como "responsório" ou o popular ato de responder um objeto perdido, roubado ou escondido. O texto do responsório é feito com a chamada reza forte.

## Responsório de Santo Antônio

Se milagre desejais  
Recorrei a Santo Antônio  
Veréis fugir o demônio  
E as tentações infernais  
Recupera-se o perdido  
Rompe-se a dura prisão  
E no auge do furacão  
Cede o mar embravecido  
Todos os males humanos  
Se moderam, se retiram  
Digam- no aqueles que viram  
Recupera-se o perdido  
Pela sua intercessão  
Foge a peste, o erro, a morte  
O fraco torna-se forte  
E torna-se o enfermo são  
Recupera-se o perdido  
Glória ao pai, ao filho e ao espírito Santo  
Recupera-se o perdido  
V Rogai por nós, bem aventurado Santo Antônio  
R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Um ritual místico é comumente exercido por devotos de Santo Antônio, fazendo parte da cultura popular e que serve como estratégia para obter de volta, por intermédio de Santo Antônio, objetos de valor simbólico, que desapareceram.

"Quando algum objeto desaparece, a gente pega a imagem de Santo Antônio, amarra ele bem apertado com 07 fitas e coloca ele de cabeça para baixo, e, conversa com ele. "Olha, Santo Antônio, o senhor vai ficar de castigo, enquanto não aparecer...mas é logo que aparece" (Registro de campo:2001)

Santo Antônio é conhecido popularmente como o santo casamenteiro e as moças que têm dificuldade para arranjar namorado, beatas, viúvas que querem casar, se apegam ao santo. Ele também é conhecido como o santo dos pobres e das mulheres que não podem conceber filhos.

Um amor não correspondido, manifestado em desejo e desencantamento, outras vezes em ressentimento e frustração, tem levado, com frequência, as mulheres ao apego a Santo Antônio. Essa realidade é revelada nas famosas "Quadras Populares", de Fernando Pessoa.

"No dia de Santo Antônio  
Todos riem sem razão  
Em São João e São Pedro  
Como é que todos rirão?"

"Santo Antônio de Lisboa  
Era um grande pregador  
Mas é por ser Santo Antônio  
Que as moças lhe têm amor".

As moças que buscam um namorado se apegam ao santo, buscando uma espécie de proteção ao namoro e, para que isso aconteça, fazem a famosa "Oração dos Namorados".

"Meu grande amigo Santo Antônio, tu que és o protetor dos namorados, olha para mim, para a minha vida, para os meus anseios. Defende-me dos perigos, afasta de mim os fracassos, as decepções, os desencantos. Faze-me que seja realista, digna e alegre. Que eu encontre um namorado que me agrade, seja trabalhador, virtuoso e responsável. Que eu saiba caminhar para o futuro e para a vida a dois com as disposições de quem recebeu de Deus uma vocação sagrada e um dever social. Que meu namorado seja feliz e meu amor sem medidas. Que todos os namorados busquem a mútua compreensão, a comunhão de vida e o crescimento na fé. Assim seja".(Registro de campo:2001)

O dia 13 de junho é dedicado a Santo Antônio. E costume popular homenageá-lo com muita festa e, nesta noite, são feitas muitas simpatias.

A simpatia é um costume popular e constitui como expressão de uma mistura de religiosidade e superstição, que consiste em praticar alguma coisa, respeitando um determinado ritual para se conseguir alcançar algum objetivo.

Algumas simpatias de Santo Antônio são históricas, como:

"Espalhar pipoca dentro de casa para chamar dinheiro";

"Para a criança aprender a andar depressa, pegue-a pelo braço e faça como se ela fosse a mão de pilão. Vá socando a criança no pilão por 03 vezes. Faça isso durante 03 sextas-feiras seguidas e a criança andarás";

"Para que a visita indesejada vá embora bem depressa, deve se colocar uma vassoura com o cabo para baixo, atrás da porta, sem que ninguém veja" (Registro de campo:2001)

No imaginário popular estão registradas também as chamadas superstições. Superstição é um sentimento religioso, uma crença ou um medo que leva a pessoa a praticar ou deixar de praticar determinados atos, com receio de que estes possam vir a causar-lhe um determinado mal, ou mesmo atrair fluídos negativos, a exemplo:

"Deixar o sapato virado para cima, a mãe morre";

"Andar de costas a mãe morre";

"Ferradura atrás da porta, espanta o mal e o agouro para a casa e para os membros da família";

"Passar debaixo da escada dá azar";

"Ouvir a coruja piar é sinal que morrerá alguém por perto";

"Temer o número 13, por ser considerado o número do azar".  
(Registro de campo:2001)

Registra-se, ainda, o histórico "Pão de Santo Antônio", que tem seu fundamento numa narração antiga de que: Santo Antônio comovia -se com a pobreza. Certa vez, distribuiu aos mendigos, toda a reserva de pão de seu convento, deixando o frade padeiro em apuros. Na hora da refeição quando descobriu que os frades, não tinham o que comer, pois, haviam roubado os pães. Foi queixar-se a Santo Antônio, que lhe mandou verificar novamente o baú em que avia deixado. O padeiro voltou estupefado: a velha arca estava cheia, a ponto de sobrar muito pão para ser distribuído aos necessitados.

O reconhecimento dessa narrativa tem levado, historicamente, e com frequência à distribuição de alimentos, em especial sopa com pão, para os pobres. Esse exercício é feito pelas igrejas, em particular pelas igrejas de Santo Antônio, às terças-feiras de cada mês. Muitas pessoas e/ou famílias, em momentos transitivos de desespero e aflição, se apegam ao santo, com a promessa de distribuir alimentação em troca de favores a serem obtidos com a ajuda do santo, na solução de problemas pessoais ou familiares.

Fazendo uma analogia à narrativa do Pão de Santo Antônio, um nativo de Chaves conta que:

"...eu, quando me entendi, o santo já passava nas casas, existia muitos milagres, vou contar uma história: tinha uma mulher que morava no centro e o Santo Antônio andava esmolando, saía por onde fosse. Lá desse uma galinha, bom, se não desse ficava do mesmo tamanho, Certo é que ele ia nas casas, certo é que não existia as doenças que existe hoje, porque o santo ia visitar aquela pessoa, o pessoal ia rezar, tomar a benção do santo... Bem na frente da casa dessa mulher, tinha uma bacabeira, dois cachos, um preto e o outro verde e a velha era dessas "rocha", que não dava nada a ninguém... Ela disse a filha dela: Lá vem o Santo! E os homens vão beber a nossa bacaba. Sobe e vai tirar o cacho. Desta que o cacho era grande... leva a corda para amarrar, passa, passa por cima do outro para amarrar para não jogar, porque se tu jogar até ele chegar, a gente não acabou de juntar a bacaba... A menina subiu, amarrou o cacho, mas a corda não dava para arriar o cacho até no chão. A filha subiu e a velha o que faz, amarra na cintura a corda, quando a filha "turou", o cacho de bacaba arriou e a velha subiu amarrada na cintura. Chegaram com o santo, tiveram que amarrar as cordas da rede para arriar a velha. Ela mandou fazer o vinho de bacaba e eles beberam. Então o que foi isso? foi um castigo de Santo Antônio...existia muito castigo". (Registro de campo:2001)

O castigo revela-se pelo sofrimento que se infringe a um culpado, é o escarmento ou punição, ou seja, é o castigo pelo advertimento ao ato cometido para não se expor de novo a ele.

Referindo-se ainda ao castigo, o nativo volta-se para outra narrativa, que envolve Santo Antônio:

"Tinha um senhor aqui que tomava conta de 50 reses que era de Santo Antônio padroeiro. Era o gado que tinha aqui na rua... Quando



era a tarde, boca da noite, eles ficavam lá na beira marc, debaixo das mangueiras que já desapareceram... um presidente de festa começou a vender as reses de Santo Antônio...O que resultou? Uma bela noite, deu uma tempestade e o gado anoiteceu debaixo das mangueiras, mas não amanheceu e até a data de hoje, nem rastro. O que é isso? Um castigo". (Registro de campo:2001)

A festa de Santo Antônio, em Chaves, é uma tradição que vem sendo transmitida de geração em geração e se constitui como um fato histórico na memória dos rnaís velhos, que a recordam e a referenciam como um ato de fé.

"De todas essas festas religiosas, a rnaís forte é a de Santo Antônio, porque, quando eu nasci, eu já encontrei, me batizei foi na igreja e já encontrei. E olha que eu nasci em 19 de setembro de 1909, tenho 93 anos de idade". (Registro de campo:20(01))

A festividade de Santo Antônio acontece durante o mês de junho, mas antes o santo saía esmolando. Primeiramente, na área rural; depois, na cidade, o santo visitava as casas e os romeiros rezavam e cantavam o hino de Santo Antônio. Assim o santo ia recebendo as "ordens".

" O santo saía no interior, depois na cidade, ganhando as "ordens". Ordens, em Chaves, eles chamavam de objetos, animais que o santo ganhava, era o que angariava... Ele ganhava porco, galinha, carneiro, gado e até dinheiro, Aquilo tudo era tirado numa lista...então aquilo tudo fazia parte do currículo da festa....depois a festa era tradicional... Em tempos bem distante, a religião católica foi muito sólida". (Registro de campo: 2002)

Santo Antônio ia conduzido em um andor, carregado por 4 representantes do povo de Chaves, que deveriam estar vestidos adequadamente.

"...todas as pessoas que desejarem carregar o andor do Glorioso Santo Antônio. Devem se apresentar decentemente trajados e que durante o percurso da procissão, seja observado o maior reconhecimento e ordem indicada" . (Programa da Festividade de Santo Antônio: 1973)

Atrás do andor os fieis acompanhavam a imagem e entoavam o hino de Santo Antônio.

"Exulta berço glorioso  
Oh! terra nobre genitriz  
De Santo Antônio poderoso  
Lisboa vêzes mil feliz.

(refrão)

Cheios e fé e confiança  
De ti rogamos proteção  
Vem, nos dá a perseverança  
Que nos valha  
A eterna visão

E tu que em horas poderosas  
Os teus despojos com amor  
Festeja Pádua pressurosa  
Dos muros teus defensores

(refrão)

Não pode o nosso humilde verso  
Cantar melhor o teu louvor  
O belo pleito do universo  
São teus milagres teus favores.

E importante registrar que fora encontrada, nos arquivos do "Programa da Festividade de Santo Antônio- Glorioso Padroeiro de Chaves: 1973", outra versão do hino a Santo Antônio, de autoria desconhecida e que louva ao santo, demonstrando a devoção do povo brasileiro e, particularmente, do povo de Chaves, na ilha do Marajó, a quem imploram proteção.

Salve! Salve! Santo Antônio

Salve! Salve! Santo Antônio  
Nosso grande padroeiro  
Salve o Santo mais amado  
Pelo povo brasileiro  
Não é só Lisboa e Pádua

Que lhes cantam hinos mil  
Também canta a sua glória  
O coração do Brasil  
Santo Antônio é distinguido  
Pela fé da Cristandade  
Invocado em toda parte  
Na maior necessidade  
Defendei a nossa igreja  
'O sagrado padroeiro  
Nossa fé, nossa família  
Defendei o Santo Antônio  
Defendei essa paróquia de Chaves  
Da ilha do Marajó,  
Implorai ao pai eterno  
Suas benções sobre nós.

Compõe o ritual da festa a chamada "Trezena" de Santo Antônio". A trezena é uma tradição muito antiga, teve origem no ano de 1617. Conta-se que: "uma senhora, precisando de um grande favor, recorreu ao santo com muita insistência por nove terças-feiras sucessivas, visitando a imagem de Santo Antônio, na igreja, onde rezava com fervor. Alcançou o que pedira e espalhou-se a notícia das nove terças-feiras em honra a Santo Antônio".

Mais tarde, o número de terças-feiras foi aumentado para 13, uma vez que o santo falecera no dia 13 de junho de 1231. Há uma credice popular, que atribui poderes mágicos a Santo Antônio, devido ao número 13 ser considerado um número místico ou cabalístico, a exemplo da sexta-feira, 13.

Em Chaves, a trezena é marcada por um ritual que tem início no dia 1º e vai até o dia 13 de junho. E tirada a diretoria do festa, que tem o compromisso de elaborar toda a programação para a festividade. Para divulgação dessa programação e mobilização dos fieis, tiram-se os três primeiros dias do mês para andar com o santo, visitando as casas, rezando e cantando.

"Antecipamos aos devotos do nosso padroeiro, que pretende celebrar os festejos em honra ao miraculoso Santo Antônio, com o

" Há diversas maneiras de realizar a Trezena de Santo Antônio. Pode-se rezar 13 dias seguidos. Outra maneira é reza-la por 13 terças-feiras seguidas, ou então em 13 domingos sucessivos. Finalmente pode-se acompanhar as orações da trezena em 13 primeiras terças-feiras do mês e nesse caso a trezena se estende também para o a.º 13 , ou seja, 13 meses.

brilhantismo digno de fé e do fervoroso amor católico marajoara, fazendo inserir na alma dos Chaviense contemporâneo, a tradicional devoção dos antepassados, cujos acendrados sentimentos religiosos, evocamos em saudosa e justa homenagem". (Programa da Festividade do Gloriosos Santo Antônio: 1973)

Mas é no dia 4 de junho que têm início as celebrações programadas. Buscando resgatar a festividade, foi que encontramos, nas malas do Sr. Luís Benedito Spindola - uma espécie de guardião da história, cidadão Chaviense, nascido em 23/06/1908 e falecido em 2001, documentos que registram a memória do ritual da festividade de Santo Antônio.

"INÍCIO DA FESTA - Os sinos da matriz e girândolas de foguetes anunciarão o alvorecer desse dia, o início da maior festividade desse município, a grandiosa festa do glorioso Santo Antônio...as 7 horas terá lugar a primeira missa, celebrada pelo vigário da nossa paróquia...as 18 horas novas girândolas de foguetes aos acordes da "Banda de Música Chaviense" avisará a população para a primeira trezena, que será cantada as 20 horas, com acompanhamento de música e cantos sacros...a noite do dia 7, será de grande alegria , o povo cristão de Chaves, ocorrerá aos pés de seu padroeiro, para implorar as suas graças... no amanhecer a cidade estará em festa com o dobrar dos sinos, o estrugir dos foguetes e se fará ouvir um belo repertório, pela "Banda de Música Chaviense"... o dia 9 é marcado pela aproximação do dia do santo e é marcado com a chegada dos romeiros e a cerimônias religiosas e profanas terão maior brilhantismo... fogos escambiantes serão queimados e a banda tocará no coreto para saudar os romeiros na sua chegada. No dia 11 , na ante véspera da tradicional festa do glorioso Santo Antônio, no arraial acontecerá muitas diversões, ao mesmo tempo balões subirão as alturas, acompanhados de fogos multicores...acontecerá o 1º leilão. No dia 12, véspera da festa, a população de Chaves acordará aos acordes da alvorada...ao meio dia e ao anoitecer, salvas de morteiros, juntamente com o repicar dos sinos se juntarão aos sons musicais da banda. ..realizar-se-a, o 2º leilão. No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, ao alvorecer a população será saudada com o estrugir de salvas de foguetes, entrelaçados com os acordes musicais da banda de música, anunciando a todos os devotos que nesse dia se festeja o glorioso santo Antônio. As 9 horas tem lugar a missa solene, com o

sacerdote da Prelazia do Marajó, que dará a comunhão a todos, depois do santo ofício e praticará outros atos religiosos, (casamentos, batizados, etc). Ao meio dia outras demonstrações de alegria. As 17 horas sairá em procissão a imagem do glorioso Santo Antônio, acompanhado de todos os fieis, que no percurso cantarão hinos sacros. A noite a ladainha, cantada com grande instrumental e benção solene. Depois o arraial com fogos, muitos fogos e balões que subirá ao ar...em seguida o baile dançante..." ( Programa da Festividade do Glorioso Santo Antônio. Chaves: 1973)

Toda essa programação é montada pela diretoria da festa, que vai indicar cada entidade ou cada família responsável por uma noitada, fazendo acontecer as chamadas promoções.

"Cada noite tem um responsável pelas promoções, são: Comerciantes do município; Rapazes Chaviense; Senhoras Chaviense; Senhoritas Chaviense; Senhores Chaviense, Fazendeiros do Município; Autoridades Estaduais; Funcionários Municipais, e outros..." (Programa da Festividade. Chaves: 1973)

Referindo-se ao ritual da festividade de Santo Antônio, uma nativa rememora:

"Tinha a missa com muitos cânticos. Era o canto de entrada, o canto de meditação, aclamação ao Evangelho, procissão de Comunhão, compromisso final e a canção Litânica a Santo Antônio. Era uma celebração. Depois, a trezena com ladainhas, o santo saia nas ruas e nas casa. Era um ritual perfeito".(Registro de campo:2001)

Conforme referenciado pela nativa, identificamos, nos guardados do Sr Luís Benedito Spindola Dias, os Cânticos da Missa "Santo Antônio Vive".

Registra-se que os festejos de Santo Antônio eram realizados anteriormente pela Prefeitura. Todavia, as despesas para manutenção da festa ficaram inviáveis para a Prefeitura, que repassou para a sociedade Chaviense a organização do festejo. A estratégia adotada foi a constituição de diretorias para realização da festividade, conseguindo assim manter a famosa tradição.

"Os Prefeitos eram todos nomeados pelos governos e os festejos

de Santo Antonio padroeiro era ocorrido com a Prefeitura, não pediam nada a ninguém, de uns anos, de uns certos anos para cá, o Prefeito achou que era muita despesa para a prefeitura e entregou a festa para o povo". (Registro de campo:2001)

" A festa de santo Antônio, no início a Prefeitura fazia a festa, depois foi cortado essa verba. Aí foi criada uma diretoria para a festa. O presidente da festa era o responsável em angariar donativos: eram bichos, gados, o que colocava no leilão", (registro de campo:2001)

Os animais arrematados em leilão eram o que chamavam de rebanho de Santo Antônio e a Prefeitura colocava um funcionário, chamado de fiscal, para cuidar dos animais.

"O santo saia de casa em casa. Tinha uma romaria e cada um dava o que podia dar, aquilo que tivesse condição: era gado era todo animal, galinha, pato ,tudo o que podia dar, tanta que passava a festa e sobrava animais, que o leilão não arrematava, era um búfalo, um cavalo".(Registro de campo:20(1)

A renda advinda do leilão era destinada à manutenção da igreja e de suas atividades religiosas, incluindo-se aí as relativas as comemorações de Santo Antônio.

"O movimento era o seguinte: chegava a época de fazer a festividade do santo, tinha movimento, tinha botequins, tinha renda, era para Santo Antônio, era para realmente comprar o que a igreja estava precisando".(registro de campo:2001)

" A Prefeitura fazia os gastos, a gente não sabia, mas hoje a gente já sabe, tem os gastos com a limpeza, pintura da igreja, transporte. Hoje a gente já sabe, vem gente de toda essa redondeza e o custo é alto". (Registro de campo:2001)

Algumas mudanças vêm sendo registradas no ritual de festejo a Santo Antônio. Para os rnaís jovens são consideradas inovações, tais como o círio fluvial com premiação da imagem do santo, para a embarcação melhor ornamentada. O círio aéreo. Concurso de Rainha da festa, sendo considerada como vencedora a moça rnaís bonita e, finalmente, o baile dançante.

"Em 1987, houve uma tentativa de modificação, inovação da festa, para que as pessoas pudessem sentir o que ia se celebrar. Então a festividade adotou o círio fluvial, que é realizado em frente à cidade. A partir daí, a gente conseguiu implantar o círio aéreo, com o avião do Brabo, que tem um táxi e participa de cortesia... O círio fluvial a gente percorre um trecho que vai de um local chamado Santa Maria até a Ponta do Miri, são 3 horas de percurso na embarcação... a Prefeitura cede o barco "José Mendes Roseco" para transportar o santo e os proprietários de diversas embarcações acompanham a romaria fluvial. Inclusive há um prêmio para a embarcação melhor ornamentada... O prêmio é uma imagem de Santo Antônio... A noite é realizado o concurso de rainha da festa, acontece a meia noite, depois vem a festa dançante".(Registro de campo:2001)

No olhar dos rnaís antigos, essas mudanças podem representar a quebra de toda uma tradição, pois muitas coisas que acontecem no ritual de festejo ao santo já não existem rnaís, o que pode significar o desaparecimento do culto e do festejo a Santo Antônio.

"A festa de Santo Antônio era uma festa muito boa e que trazia muita gente de fora para Chaves... Antigamente, o santo saía pelo interior, mas hoje, devido aos custos e à variedade de festas espalhadas pelo Brasil e em cada interior, comunidade, o santo só fica aqui mesmo em Chaves".(Registro de campo:2001)

"No festejo de Santo Antônio tinha a "Banda de Música Chaviense", vinha também a banda de música de Vigia, Colares, de Belém, se apresentava no coreto. Tinha baile de gala, mas hoje a aparelhagem de som acabou com a cultura e o pessoal deixou de compor e de cantar"(registro de campo:2001)

"No dia 13 de junho era realizada a missa solene as 11 horas... Depois, batizados, casamentos, hoje á não é rnaís realizado, fica restrita a visita dos padres às comunidades. Antigamente, as famílias vinham para o festejo para batizar as crianças... Aquilo era motivo de muita alegria e festa, poder batizar os filhos ou se casar no festejo de Santo Antônio".(Registro de campo:2001)

Nessa época de Santo Antônio, tinha festa de manha e ladainha à noite. Depois, havia o

leilão muito movimentado, o arraial, a gente cantava as ladainhas, era uma tradição que ficou. As missas eram em latim agora é em português...o interessante é que quando as missas eram em latim a igreja ficava lotada que não cabia mais gente. E hoje que é em português, que todo mundo entende, quase não se vê ninguém".

"Quando a procissão ia entrando na igreja rezava se as ladainhas...havia batizados naquele dia...a população aproveitava para isso, tinha o arraial, que era muito bem organizado...hoje em dia é só no dia de santo Antônio que aparece mais o movimento".

"No dia da festa tinha missa, tinha procissão, as novenas, até esse ano passado teve a festa, mas esta cada vez mais devagar".

"Logo no começo, foi mudando as presidências de festa, uns melhores, outros *peores*, isso foi que mais tarde vai terminar com a festa, porque esta cada vez *peor*" (Registro de campo:2001)

Marcando a influência da colonização portuguesa e sua influência na adoção de Santo Antônio, como padroeiro do povo Chaviense, no dia 13 de junho, marcadamente o dia de Santo Antônio, rapazes e moças desfilavam no arraial e, posteriormente, no baile de gala, com roupas no estilo e modelo europeu.

"As moças vinham passeando no arraial...todas bem vestidas, eram vestidos de organdi, chapéus, eram trajes europeus, os rapazes todos de paletô e gravata, sapato de duas cores...no dia da festa era quem caprichava, era a melhor roupa". (Registro de campo:2001)

Havia ao final da festa o famoso baile, onde ocorriam duas festas: o baile de gala, oferecido pela Prefeitura, para a classe mais abastada da cidade; e o baile popular, destinado ao povo.

"O Prefeito nesse dia 13 de junho, à noite ele oferecia um baile de gala na prefeitura com música e tudo. E também havia um outro baile, que era o baile popular, na chamada casa amarela. Era um casarão de festa, onde hoje é o lactário".(Registro de campo:2001)

Essa tradição já fora quebrada. O que se realiza no último dia da festividade é a chamada festa da saudade que, ao som de músicas antigas, as pessoas têm a oportunidade de dançar, se



reportando a um passado que permanece vivo na lembrança daqueles que ainda mantêm intocável a tradição do culto a Santo Antônio.

"No último dia da festividade é realizado uma festa que se chama festa da saudade, é um momento de recordar aqueles tempos antigos, toca-se músicas antigas, as pessoas dançam. É um momento importante para a gente olhar prá trás um pouco e ver como era bonita aquela época. Assim, a festa da saudade vem trazer muitas coisas que era tradicional na cultura do povo Chaviense".(Registro de campo:2001)

Entre um misto de saudade e lembranças, os rnaís velhos, ao serem indagados sobre a festividade de Santo Antônio, revelam em seu olhar, fala e gestos, lembranças com saudades de um tempo que não voltará jamais.

"A festa era reza, leilão, doação de gado, criações de porco, galinha e o dinheiro, que arrecadado ia para ai igreja...tinha muitas mulheres que cantavam as ladainhas, mas se foram, morreram e hoje quase não existe rnaís".(Registro de campo:2001)

"A festa de Santo Antônio era 13 noites, tinha trezena, tinha ladainhas com missas diárias...hoje não tem rnaís padre, eles só vêm aqui para fazer batizados e casamentos, perdeu-se a cultura".(Registro de campo:20(1))

"De manhã a missa, à tarde tinha aquele movimento no arraial e o santo saía em procissão: à noite a trezena... Hoje acabou o amor a tradição".(Registro de campo:2001)

Hoje, a festividade de Santo Antônio se mantém viva na memória dos rnaís velhos, que rememoram com saudade, lembranças de uma tradição, que os tempos modernos a redefinem a partir de novos valores culturais.

"Eu tenho saudades de Chaves desse tempo, porque tinha muitas festas religiosas, tinha padre para fazer a missa, hoje está tudo modificado. De primeiro se comemorava várias festas religiosas, é um passado que não volta mais, é só lembrança".(registro de campo:2001)

Em Chaves era comemorado ainda pela igreja, a festa de Santa Maria, que acontecia durante todo o mês de maio, durante o período do festejo. Rezavam-se ladainhas, assistiam-se às missas, realizava-se procissão, com a participação das crianças vestidas de anjo e que tinham o papel de coroar Nossa Senhora. O ritual do festejo contava com vários acontecimentos: havia o arraial, leilão, banda de música, barracas com iguarias.

"...eu fui, durante muitos anos, pela festa de Santa Maria , eu fui diretora durante muito tempo...minha casa ficava um verdadeiro jardim, eu mesma confeccionava as flores, a procissão tinha mais de 25 anjinhos, eu que confeccionava a roupa, todos com roupinha linda, com coroa, com asas. Era assim a festa de Santa Maria... O padre vinha para rezar a missa. No meu tempo o padre vinha de Soure, o prelado cede os padres, a gente pedia e ele vinha. Era um ritual, novena, missa procissão, coleção de donativos, as ofertas, a Santa recebia".(Registro de campo:2001)

Registra-se que fora localizada, em Chaves, uma senhora - Dona Vitorina:2001, devota de Nossa Senhora, e que, rememorando a tradição, cantou em Latim a Ladainha de Nossa Senhora.

Kyrie Eleison  
Christe Eleison  
Kyrie Eleison  
Christe Audi Nos  
Pater De Celis Deus  
Fili Redentor Mundi  
Spiritus Santcte Deus (misererenobis)

Santa Trinita One Deus

Santa Maria  
Santa Dei Genitrix  
Santa Virgo Virgenon

Marter Christe

Marter Divine Gratia  
Marter Purissima  
Marter Castissima

Marter Inviolata	Stela Matutina
Marter Intemerata	Salus Infirmorum
Marter Amabilis	Refugium Pecatorum
Marter Admirabilis	Consolatrix afflictorum
Marter Boni Consilis	Auxilium Christianorum
Marter Creatoris	Regina Angelorum
Marter Salvatoris	Regina Patriarcarum
Virgo Prudentissima	Regina Prophetarum
Virgo Veneranda	Regina Apostolorum
Virgo Predicanda	Regina martirum
Virgo Potens	Regina Confessorum
Virgo Clemens	Regina Virgenum
Virgo Fidelis	Regina Sanctorum Omnium
Speculum Justitiae	Regina Sine Labe Concepta
Sedes Sapientiae	Regina Sacratissima Rosari
Causa Nostrae Latitiae	Regina Pacis
Vas Spirituale	Agnus dei, que tolis peccata mundi. Parce nobis domine.
Vas Honorabile	
Vas Insigne Devotiones	Agnus dei que tolis peccata mundi.
Rosa Mistica	Axaudi nos domine.
Turre Davidica	
Turre Sebornea	Rogai por nós Santa mãe de Deus.
Domum Aurea	Para que sejamos dignos das promessas de Cristo
Foederis Arca	
Jesua Celis	

#### 4.3-SANTOS E FESTAS POPULARES: UMA TRADIÇÃO DE FAMÍLIA

Em Chaves se comemoram outros Santos, nas chamadas festas populares, como uma tradição de família. São eles: São Sebastião, Santa Maria, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Benedito e Nossa Senhora de Nazaré.

Existem duas tipologias de festa: as religiosas comemoradas no âmbito da igreja e aquelas classificadas como festas populares. As festas populares são festas de particulares, realizadas por pessoas e/ou famílias devotas do santo.



"Festas populares é quando é feita nas casas. Eles são devotos dos santos, tem muita pessoa no interior que faz isso, eles começam a festejar o santo, ai já faz o mastro, enfeita o mastro, tem derrubação de mastro, tem música, tem ladainha, são as festas populares, feita fora da igreja".(registro de campo:2001 )

São Sebastião é um santo comemorado pela igreja, mas, em Chaves, atualmente ele é comemorado por particulares, como uma continuidade de uma tradição de família.

"Eu não escolhi São Sebastião. Quando eu me entendi, já existia essa festa na casa da minha avo, é uma tradição de família". (Registro de campo:2001)

O culto a São Sebastião é realizado no dia 20 de janeiro e segue um ritual que conta, primeiramente, com o convite aos participantes, procissão com canto, reza e ladainha, levante do mastro e, depois, a festa com muitas brincadeiras.

" A gente faz o convite ao pessoal para a procissão à tarde, tem um mastro e, às 5 horas, o pessoal sai em procissão, cantando e rezando e, às 6 horas, retorna com o santo para a casa da família. Reza a ladainha e termina o compromisso com a posse do santo. E daqui em diante é festa" (Registro de campo:2001)

Registre-se o valor simbólico, no imaginário popular, do mastro. Ele é a representação

da fartura da terra, por isso os devotos o enfeitam com diversas frutas regionais, num mistura com folhas ornamentais que o embelezam. E colocado, ainda, no seu ápice, a bandeira com a imagem do santo.

"Olha, a gente tira um pau bem alto e forte no mato. Daí a gente enfeita ele com folhas e frutos, fica bem bonito e ele é a representação da fartura... Coloca lá em cima na ponta a bandeira com o desenho do santo...No primeiro dia da festa, é levantado o mastro e, no último dia, ele é derrubado. E quando ele cai é a maior festa. Todos correm para pegar as frutas e a bandeira". (Registro de campo:2001)

É importante registrar que São Sebastião tem muitos devotos na região do Marajó. São donos de fazendas de gado, que comemoram o santo, rogando-lhe ajuda no trato e conservação da sua boiada, considerando que o santo é o protetor contra as epidemias nos animais.

Nos escrito sobre a memória de São Sebastião, há relatos de que:

"...ele teria atendido as preces do povo de Roma em 680; de Milão, em 1575; e de Lisboa, em 1599, quando estes sucumbiram, devido a terríveis doenças contagiosas. O título, por sua vez, bem poderia refletir a própria luta do milanês Sebastião, em meados do século III, para extinguir um mal que proliferava no coração dos seres humanos: a falta de fé cristã. Afinal, este capitão da guarda Pretoriana - que era considerado amigo pelo Imperador Diocleciano - aproveitava-se de sua situação privilegiada para, secretamente, converter soldados e prisioneiros. Até mesmo o governador de Roma, Cromácio e o filho Tibúrcio, aprenderam com Sebastião a viver o Cristianismo. Quando o imperador descobriu que o fiel soldado era um cristão, sentiu-se traído e decretou que ele fosse morto a flechadas. Mas a execução da sentença não obteve o êxito desejado, uma viúva chamada Irene - depois também canonizada - retirou as flechas do peito de Sebastião e tratou suas feridas. Assim que ele se recuperou, voltou ao encontro do imperador para denunciá-lo por sua crueldade. Diocleciano, cego de raiva, mandou que os soldados espancassem Sebastião até a morte..." (Guimarães & Prôa:2000)

A sua história de vida levou-o a ser considerado como um "Soldado Fiel" a Cristo. Essa história inspirou a composição (autor desconhecido) do hino a São Sebastião, entoado pelos fiéis, nas comemorações ao santo.

Soldado Fiel

"Soldado fiel  
guerreiro Valente  
prodígio de graça  
do onipotente

Fostes prisioneiro  
depois amarrado  
em uma laranjeira  
de setas transpassado

'O mártir de cristo  
meu santo varão  
livrai-nos da peste  
São Sebastião

Nasceste o berço  
do mil paganismo  
a religião santa  
vós deu o batismo

Morrestes com fé  
dissestes assim  
morro por Jesus  
que morreu por mim

Morrestes com fé  
Vencendo a vitória  
Fostes com os anjos  
Ver os céus da glória

Daí a todos nós  
Fé e salvação  
Livra-nos dos males  
São Sebastião

Em Chaves, São Benedito também é comemorado com festejos populares. A biografia do Santo registra que ele enfrentou vários desafios na vida.



"Nascido de pais escravos- levados da Abissínia (atual Etiópia) para a Itália, ele sofreu vários preconceitos desde pequeno. Por sua pele morena foi ridicularizado, chamado de "o mouro". Sua paz interior era tão grande que despertou a atenção de outro homem santo: Jerônimo Lanza. O frei o convidou para morar em um eremitério em que vivia, nos arredores de Messina. Benedito aceitou e rapidamente, conquistou os outros religiosos. Ele chegou a ser eleito o responsável pela comunidade, mas a legislação de Pio IV dissolveu todos os grupos de eremitas. Benedito entrou para a ordem dos frades menores e abrigou-se no convento de Santa Maria de Jesus...lá o superior local o encarregou dos trabalhos de cozinha, onde ele pode desenvolver sua espiritualidade...foi eleito em 1578 como guardião...quando terminou o seu mandato, pediu para voltar ao seu antigo serviço de cozinha, onde permaneceu até a data de sua morte, em 1589. Desde então, São benedito é o modelo de resistência contra todo tipo de preconceito, uma luz amiga a quem recorremos nos momentos de injustiça". (Guimarães & Prôa:2000)

A festa de São Benedito, no município, era organizada por Dona Julia Dias que, na memória dos que a conheceram, aparece como urna descendente de escravos, que teria erguido uma pequena e singela igreja para São Benedito, com a colocação de um sino na parte externa deixando, à sua frente, um espaço reservado para o festejo, que era comemorado com rezas, ladainhas, fogos, iguarias e muita animação.



"Aquela igrejinha de madeira foi construída pela D. Julia Dias. Era uma preta velha, descendente de escravos... Era uma senhora de porte alto, elegante, usava saias longas... Era neta de escravos...Ela morreu bem velhinha... Em Chaves existia escravos...Tinha a Catarina. Defronte da casa dela tinha um lago, chamavam de lago da Catarina. Secou, não existe mais. Ela também era descendente de escravos... A festa de São Benedito era uma festa popular, mas até o padre ia lá celebrar a missa".(Registro de campo.2001)

Em Chaves, Nossa senhora de Nazaré compõe o calendário das festas populares e é uma festa tradicionalmente organizada por uma família, que mantém suas comemorações por diversas gerações.



"A festa de Nossa Senhora de Nazaré sempre foi lá na nossa casa. Tinha um pavilhão lá, onde foi mandado fazer uma capela para ela, nós tínhamos a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Ela não ficava na igreja. Ela era padroeira da nossa casa,, Era uma herança de pais para filhos. Era uma tradição da minha família que fazia a festa...Tinha um bom gasto nessa festa, mas era a nossa família que fazia, ninguém esmolava, tinha muita comida e bebida . No dia do cirio, mandava matar gado, para o povo que vinha de outras comunidades comer. Aqueles que tinham transporte vinham, vinha gente até de São Joaquim, de Caviana. Era uma festa que aparava muita gente...Tinha a reza, depois a festa, com muitas brincadeiras". (Registro de Campo:2001)

A diversidade de festas religiosas que se colocam historicamente no cotidiano do povo Chaviense se revela como um patrimônio cultural, transportado de geração em geração, como tradição.

#### **4.4- AS FESTAS DO PESCADOR E DO VAQUEIRO: UM OLHAR SOBRE A FESTIVIDADE DE RUA EM CHAVES**



"A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer - e não devem - fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isso"(Brandão, 1989:17)

O que é uma festa? A festa é uma fala, uma memória, uma mensagem que parte do individual para o coletivo e vice



versa. Ela é o lugar simbólico, onde, cerimonialmente, separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, um silêncio não festejado, e aquilo que deve ser resgatado da *coisa* ao *símbolo*, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado, aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos.

A festa, quando soleniza a passagem, comemora a memória, demarca. A vida passa e juntos passam também os indivíduos. Paradoxalmente, tudo muda e tudo é o mesmo.

" ... mudamos, somos agora o que não éramos ainda, mas somos os mesmos, diversos: ao mesmo tempo um *outro* e *eu*. Envelheço, vejo em mim o tempo do mundo passar, e isso pesa. Mas eis que os símbolos dos sistemas de festas de que sou parte, ou alvo, aos poucos me ensinam a substituir a pura energia do desejo do prazer ou do temor de seu fim em mim pela serena vontade de conviver em paz comigo mesmo, entre todos, e possuir a compreensão de tudo. Eis que a festa restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu *son* daqueles ou daquilo que me *faz* a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de *eus-outros* que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nós fazemos, para não esquecer isto.(Brandão. 1989:9)

Em Chaves, a percepção do *eu* e do *outro*, ambas partes integrantes de uma festa, não se materializa da mesma maneira, sobretudo quando a festividade é algo relativamente novo, ou *alga que se quer novo*, como suporte ou resgate de uma memória quase esquecida.

A festa do pescador e do vaqueiro, em Chaves, é um acontecimento que ocorre anualmente, no mês de julho, e sinaliza para a (re)construção de uma identidade social para os moradores do lugar, através de dois personagens centrais : o pescador e o vaqueiro. Entretanto, por ser algo relativamente novo, os moradores do município, sobretudo os mais antigos, não conseguem se identificar com a festividade, presos que estão a um passado-presente, em que os personagens centrais da festa representam luta, suor, sangue e vida. Já o mesmo não se pode dizer da população mais jovem, que assimila a festividade como algo muito bom. **"Têm muita dança e muita animação... A gente se diverte e gosta de participar de todos os torneios que são preparados"** (Registro de campo.2001). Talvez a identificação dos mais jovens com a festividade deva-se ao fato de já estarem acostumados ao ritmo acelerado das mudanças valorativas e comportamentais, impostas por outros centros culturais, principalmente Breves e Belém, coisa que os mais velhos relutam em fazer.

É possível identificar as visões desencontradas dos *mais novos* e dos *mais velhos* nas seguintes citações:

" Esta é uma festa nova... E a do pescador e do vaqueiro, cada dia tem um acontecimento, uma apresentação... Tem corrida de cavalo, rodeio... E muito bom..."(Registro de campo:2001)

"É uma festa que tem rodeio, disputa e o pescador é aquele que pesca o maior peixe, mas está tudo descaracterizado"(Registro de campo: 2001)

As visões desencontradas, acima descritas, estão intimamente relacionadas, haja vista que ambas dizem respeito a um fenômeno cultural existente na mesma localidade e que é alimentado pela memória social dos *mais velhos* e, também, pelos 'modernismos' e 'estilismos' dos *mais jovens*.

Neste sentido, a Festa do Pescador e do Vaqueiro, mescla, em sua estrutura, elementos do *novo* e do *velho*, embora a (re)criação do real, a que se propõe, coloque de forma estilizada os personagens do cotidiano da população de Chaves. Nela, os *mais velhos* se (re)encontram e se percebem *mais velhos* e são capazes de (re)valorizar o sentido de *ser* vaqueiro ou *ser pescador*, posto que:

" ... eu sei o que é ser vaqueiro, porque a história do Marajó é a história das fazendas... eu... eu nunca possui terra, sempre fui empregado de fazendas no Marajó, e o trabalho de vaqueiro consiste em tirar o leite, tocar boiada, colocar no curral... ferrava o gado e quando o patrão chegar, tem que mostrar... é esse o serviço de vaqueiro... eu amansava búfalo, tinha era 08 búfalo só prá andar. A gente montava em cima... se o vaqueiro for mole, ele cai... amontava até o bicho amansar e é essa a lida do vaqueiro... Eu fui seringueiro, depois eu fui empregado fiscal, depois eu fui fiscal de gado na beira da praia... Tenho 36 anos, 5 meses e 5 dias só de trabalho... Naquela época, os pais não botavam os filho prá estudar, os pais ensinavam era trabalhar..."(Registro de campo:2001)

"A festa do pescador e do vaqueiro foi implantada porque cada município do Marajó tem um festival... é camarão... é caranguejo...

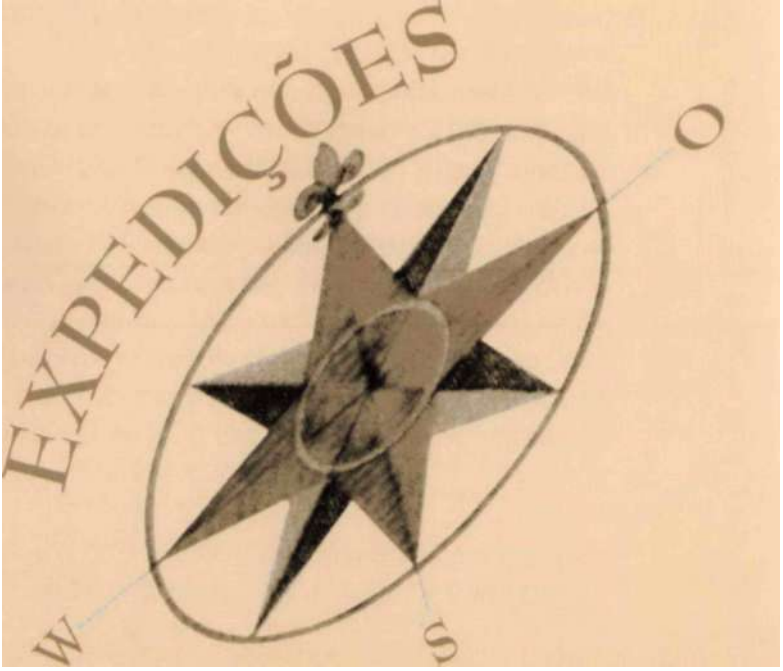
Então, aqui em Chaves a pecuária é muito forte e a pesca também... então, no 3º domingo do mês de julho, acontece o festival do vaqueiro e do pescador... vêm várias pessoas do interior, tem a apresentação das candidatas, da rainha do vaqueiro... o traje é de vaqueiro... Infelizmente não é original de marajó... tem muita influência de fora, já importaram aquele chapelão que é vendido para o sul... o vaqueiro vestido naquele material de napa...."(Registro de campo:2001)

A descaracterização do vaqueiro, identificada na fala de alguns informantes, sobretudo os mais velhos, aponta para o fenômeno da assimilação de alguns elementos culturais importados de outros núcleos. A assimilação ou incorporação não deve ser encarada como negativa. Ao contrário, ela se constitui como o resultado do contato constante de vários núcleos culturais entre si. Enquanto fenômeno, não é algo isolado, é antes, fator que atinge a quase todas as sociedades.

Há ainda, nas narrativas coletadas, a possibilidade de se estabelecer uma analogia entre o real e o simbólico presente na festa do vaqueiro e do pescador, na medida em que,

"... aqui o vaqueiro sempre andou de jeans', camisa quadriculada, chapéu de carnaúba e na verdade, o vaqueiro do Marajó nem anda calçado, ele anda mesmo é de pé no chão, na estriba, na cela, descalço...(Registro de campo:2001)

Mesmo apresentando elementos paradoxais e contraditórios, a festa do vaqueiro e do pescador em Chaves não deixa de ser *a festa*, o momento da aglutinação, da profanação e até mesmo do sagrado, já que, possivelmente mais humana que o próprio trabalho, a festa não é mais do que essa contida gramática de exageros, com que os homens possam tocar as dimensões mais ocultas de sua própria difícil realidade. Generoso espelho do ser mais denso do homem, eis que a festa o revela, de tão fantasiado, posto a nu como nunca, em contato único com sua essência.





**ESPAÇO ARQUITETÔNICO  
DA CIDADE DE CHAVES  
PROTAGONISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO**

**PARTE II**

**Ana Cristina Lopes Braga**

*Arquiteta e Urbanista, Mestra em Arquitetura*

**Filomena Mata Vianna Longo**

*Arquiteta, Especialista em Preservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico*

*Coordenadora do Curso de Especialização em Preservação e Restauração do Patrimônio Histórico da Universidade da Amazônia - UNAMA*

*Professora do Curso de Arquitetura da Universidade da Amazônia - UNAMA*



# 1 PRINCIPAIS ATORES NA FORMAÇÃO DA CIDADE DE CHAVES: ÍNDIOS, BRANCOS COLONIZADORES E PADRES CAPUCHOS.

A riqueza ambiental e cultural que habita a ilha de Marajó é singular. É parte da floresta Amazônica que lá se encontra atrelada a diversas manifestações culturais, resultante da miscigenação de raças como índios e brancos colonizadores, que exerceu forte influência na formação do povo marajoara, dando-se aqui destaque ao patrimônio arquitetônico do município de Chaves.

Os índios que ocupavam a ilha do Marajó, antes do contato do colonizador, organizavam seus espaços a partir da construção de verdadeiros aterros que serviam de plataformas artificiais. Os aterros principais eram utilizados pelos índios para os rituais funerários, local onde enterravam cuidadosamente as urnas funerárias, fabricadas por eles, que continham ossos limpos e tratados e outros objetos. Às proximidades dos aterros principais surgiam outros de menor dimensão, que eram utilizados para delimitar os espaços destinados à habitação e atividades domésticas. Esses aterros, além de serem partes estruturantes do espaço, serviam como elemento defensivo e de proteção contra as inundações.

O espaço ocupado pela tribo *aruã* era geralmente pequeno, com uma única maloca que abrigava umas cinco ou seis famílias, no máximo. A escolha para a localização da ocupação se fazia sempre próximo de rios ou igarapés buscando um local seguro, onde pudessem desenvolver o trabalho de olaria. A organização da aldeia era simples e das malocas é que eram abertos os caminhos para as roças e para os cemitérios.

"Suas malocas eram estilo comunal, retangular, com salão ao meio para manifestação de rituais (...) A argila em abundância no território marajoara propiciou, aos seus habitantes indígenas, o desenvolvimento da produção de cerâmica em que deixaram registradas suas características".<sup>12</sup>

Em 27 de novembro de 1618, o frei Antônio de Mecena, capelão do núcleo urbano Feliz Lusitânia, registrou em carta a resistência dos índios aruã, da ilha do Marajó, em aceitar a presença dos colonizadores e dos missionários capuchos de Santo Antônio, que tentavam se instalar nas principais aldeias a fim de catequizá-los. As lutas e a prática de resgate dos índios pelos colonizadores se estendeu por todo o século XVII, até meados do século XVIII, o que contribuiu para o desaparecimento dos *aruã*.

<sup>12</sup> MACIEL, Ana Amélia de Araújo. *O manto do Marajó: Chaves: de aldeias índios Aruan à cidade*. Imperatriz: Etica, 2000. pg 52-53.

Estes missionários da Província de Santo Antônio foram os primeiros a chegar ao Pará, em 22 de julho de 1617, incumbidos de catequizar o gentio. Segundo CRUZ (apud SOBRAL, 1985, p.11) os franciscanos foram responsáveis pela fundação de vários municípios paraenses derivados de aldeamentos missionários, como: Cametá, Chaves e Almeirim, denominadas, inicialmente de Aldeia dos Camutás, Aldeia dos Aruãs e Aldeia do Paru, respectivamente.

Para a instalação da missão religiosa na Aldeia dos Aruãs, atual cidade de Chaves, os padres franciscanos ergueram uma ermida em honra a Santo Antônio e desenvolveram suas atividades com os índios no trabalho de catequese e no ensino da língua portuguesa e dos costumes europeus. Hoje, neste local, há uma igreja em alvenaria, dedicada a Santo Antônio.

Em 1757, no governo do capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sob as ordens do Marquês de Pombal, elevou a aldeia à condição de vila. Este acontecimento fazia parte de um plano de urbanização de intervenção contínua sobre o território amazônico, transformando o quadro político, econômico e cultural da região, no sentido de criar um pólo urbano vinculado à estrutura administrativa colonial. Nesta época, cerca de 70 aldeias indígenas foram elevadas à categoria de vilas e havia o propósito de transformá-las em povoados "civis", retirando o cunho religioso que os aldeamentos missionários mantinham.<sup>13</sup>

## **2 FUNDAÇÃO DE VILAS E CRIAÇÃO DE CIDADES NA ILHA DE MARAJÓ - o caso de Chaves (Administração de Francisco Xavier de Mendonça Furtado)**

O governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1751-1759) contribuiu significativamente para a colonização das terras no Pará. O governador esteve à frente da comissão demarcadora de limites encarregada das demarcações de fronteira entre as colônias portuguesa e espanhola na América Latina, conforme o acordo firmado entre os dois países, quando da assinatura do Tratado de Madri em 1750. Esta comissão instalou-se em Barcelos (cidade do Amazonas) e permaneceu cerca de quatro anos à espera dos comissários espanhóis para dar execução às demarcações que não aconteceram, devido à sua ausência. A comissão portuguesa encontrou muitas dificuldades durante os trabalhos no rio Negro, atribuídas à instigação dos jesuítas e dos grupos indígenas. De qualquer forma, Mendonça Furtado realizou um levantamento geográfico de vasta área, durante a permanência da comissão em Barcelos e repassava a Lisboa todos os relatórios dos trabalhos desenvolvidos na região amazônica<sup>14</sup>. Esta foi a maior realização da comissão

<sup>13</sup> PORTUGUAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. - Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, pg 190.

<sup>14</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de (1985). *História geral da civilização brasileira*. Tomo 1, 6 ed. São Paulo, DIFEL, p.372.



chefiada por Mendonça Furtado, devido ao valioso material de cunho histórico e científico levantado pelos técnicos e que tem contribuído para o conhecimento da história da colonização portuguesa na Amazônia.

Como parte integrante desta investida de Mendonça Furtado, na região Norte do Brasil, destaca-se o levantamento cartográfico da cidade de Chaves executada pelo arquiteto italiano Antônio José Landi (1713-1791), membro da Comissão e responsável, também, pelo projeto de várias edificações no Pará e no Amazonas.

No século XIX, o espaço arquitetônico da vila de Chaves foi palco de acontecimentos históricos, como o ato de adesão da vila de Chaves à Independência do Brasil, realizado no quartel da 8ª Companhia de Cavalaria e Infantaria, da Legião da 2ª Linha.

### **3A GEOGRAFIA QUE ENVOLVE A CIDADE DE CHAVES**

A vila de Chaves foi ocupada originalmente pela tribo Aruã. Seu desenvolvimento está relacionada a dois fatores: o primeiro tinha a ver com a implantação da aldeia missionária dos capuchos da Província de Santo Antônio, os primeiros religiosos a chegar no Pará, com os portugueses que foram atraídos para aquela região em função, dentre outros motivos, da existência de mão de obra indígena. O segundo, à localização estratégica da aldeia na costa norte da ilha do Marajó, pertencendo à Mesoregião Arari, limitando-se ao Norte com o Oceano Atlântico; ao Sul, com os municípios de Cachoeira do Arari, Santana do Arari e Anajás; a Leste, com o município de Soure e, a Oeste, com o município de Afuá e rio Amazonas.<sup>15</sup>

O acesso à região, até hoje, é muito difícil, sendo realizado através do transporte hidroviário, numa longa viagem de barco, que dura em torno de dois dias, que pode ser aproveitada para apreciar as belas riquezas naturais da região amazônica. Raramente se utiliza o transporte aéreo, realizado com pequenas aeronaves. Atualmente, o núcleo urbano dispõe de uma pista de pouso em terra compacta, com o tempo de viagem para Belém sendo de uma hora e cinco minutos. É interessante informar que, por ocasião das escavações realizadas na terra na zona sul da cidade, para a implantação da pista de pouso, encontraram-se cerâmicas arqueológicas da tribo Aruã, que hoje estão sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi.

" O campo de aviação foi construído na administração do Cel.

<sup>15</sup> Dados fornecidos pelo IBGE/IDESP

Arlindo Cácela, ele assumiu a Prefeitura em março de 1948, depois dele foi o Chermont". (Registro de campo.2001)

O sitio apresenta características de clima equatorial quente e úmido, constituído de estações seca e úmida, com temperatura média de 27°C. A região é formada por uma zona de planície quaternária, marcada pela imagem de vastos campos recobertos pelo verde intenso das gramíneas<sup>16</sup>, que favorece a criação de gado, e pela presença de grande variedade de espécies típicas da floresta Equatorial<sup>17</sup>. Na faixa litorânea, percebe-se a presença de vegetação de mangue. A imagem do território é fortalecida pelas ilhas de Caviana, Mexiana e Viçosa e dezenas de rios, entre eles o Arapixi, Ganhoão, Arrozal e rio Goiabal, que deságuam no rio Amazonas. Dentre os lagos que fazem o cenário da região, podemos citar o Apuí e o Arapapá.

## **4POPULAÇÃO E INFRA-ESTRUTURA**

De acordo com dados do IBGE, o município de Chaves possuía, em 2000, uma população de 17.350 habitantes, distribuída de forma desigual, entre população urbana (1.233 hab.) e rural (16.117 hab.)<sup>18</sup>. No núcleo urbano, até os dias de hoje, é percebida a influência do meio rural.

A população urbana utiliza como principal veículo de transporte a bicicleta e não se percebe a presença do automóvel, contribuindo para uma atmosfera bucólica, característica de cidades onde há o predomínio do rural, em detrimento do urbano.

"Aqui quase não tem carro, só dois. O transporte é a bicicleta... Mas o dia mais interessante nesse município foi o dia que chegou um carro no trapiche, o povo todo correu para beira da maré, derrubando tudo para ver o carro, porque nunca tinham visto um carro na vida" (Registro de campo.2001)

A cidade de Chaves é abastecida de energia elétrica. O fornecimento de água é feito, na sua grande maioria, com a utilização do poço e uma pequena área da cidade é servida de água encanada.

"Quando eu nasci não tinha luz elétrica, mas depois eu fui

<sup>16</sup> Concentra-se no centro-oriental do território.

<sup>17</sup> Ocupa uma faixa no sentido norte-sul, junto à porção ocidental do território.

<sup>18</sup> FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2000- Malha Municipal Digital do Brasil. (1997)

crescendo e chegou um grande motor de luz elétrica da usina. Antes a usina era alimentada a lenha, compraram uma caldeira para usar. Atrás da Prefeitura existia uma caldeira alimentada à lenha, depois que veio o motor, um grande motor "caterpila", que forneceu luz".(Registro de campo.2001)

"Lá na beira do Miri tem uma caldeira, os trabalhadores faziam lenha e vendiam para a caldeira, isso tudo era um ramo de negócio... Era lenha para fazer o fogo da caldeira... essa caldeira era para gerar energia. Eu ainda conheci a energia a lenha e depois foi se acabando"(Registro de campo:2001)

A comunicação com os outros núcleos urbanos é realizada através de telefones públicos implantados recentemente e do tradicional sistema de rádio.

"...quando acabou como telégrafo, eles tiraram aqueles cabos enormes que entravam mar a dentro, foi um estrago, a gente passava o telegrama manual.."(Registro de campo:2001)

## **5** ESPAÇO ARQUITETÔNICO E A IMAGEM DA CIDADE: ELEMENTOS DA PAISAGEM NATURAL

A paisagem do núcleo urbano de Chaves é formada por fortes elementos da natureza, que se fizeram presente na imagem dos ocupantes do pretérito, os índios, religiosos ou portugueses, bem como no caboclo de hoje.

### **5.1- RIO / BRISA / VERDE.**

O rio é um elemento de destaque, proporcionando uma marca visual importante na composição da paisagem. A situação da cidade frente a frente com o Oceano Atlântico e o Rio Amazonas faz com que receba em sua praia e ribanceira as fortes ondas do mar. Oceano e rio se misturam como se fossem um só, celebrando as águas barrentas do Amazonas com as águas cristalinas do oceano Atlântico.

A orla da cidade se estende por uma grande área e a paisagem é percebida com a presença da praia, da alvura da areia, do sol intenso que é amenizado pelo vento, dando-lhe características próprias, capazes de imprimir elementos significativos no modo de vida da população local.

Uma paisagem caracterizada pelo chamado 'campos do Marajó,' é outro elemento presente no município de Chaves, marcado por uma cobertura verde intensa das gramíneas", que estimula a pecuária, principal atividade econômica do município, com destaque para a criação do gado bovino, bufalino e suíno.



"Os órgãos do sentido foram desenvolvidos com a vivência no teu contexto; as gramas e as árvores logo me mostraram o verde, depois o teu céu permeado de nuvens apresentou-me o branco e o azul, e foi nas entranhas do teu solo ferido pela erosão que percebi o amarelo, a areia, o barro do coração. O barrento de tuas águas mostravam-me a influencia do Rio Amazonas em ti presente..."<sup>20</sup>

A referida paisagem encontra-se ameaçada, uma vez que parte da ribanceira que protege a orla da cidade, onde fica a Rua Marechal Deodoro, está parcialmente destruída pelo chamado fenômeno da erosão que solapa a grande escarpa de proteção da cidade.

Maciel (2000) registra que:

"Ao contemplar-te no mapa, vejo-te predestinada à submissão da erosão que te fere a cada dia, e mesmo assim resistes quieta, como se as crateras em ti abertas servissem para atestar a tua determinação de existir serena e bela."

A ameaça da erosão é externalizada pelos antigos moradores desde meados do século XIX. Em 12 de dezembro de 1859, a Lei n.º 352 determinou que a vila de Chaves deveria mudar de local, por causa da erosão que destruíra parte da vila. Porém, essa determinação não foi realizada, devido à vontade do povo.

" Concentra-se no centro-oriental do território.

<sup>20</sup> MACIEL, op. cit. p. 23-24.

## **5.2- A AGUA E A CIDADE: RELATOS QUE (RE)CONSTRÓEM O DESAPARECIMENTO DE PARTE DA VILA DE CHAVES**

Para (re)construir a história do surgimento do município de Chaves, se fez necessário recorrer a narrativas dos moradores mais antigos, considerados como "mais velhos". De acordo com esses informantes, parte da cidade desapareceu mediante o fenômeno da natureza conhecido como erosão, provocado pelas águas correntes do Amazonas e pelos ventos do Norte.

"Parte histórica da cidade já caiu tudinho, erosão, vento, as águas grandes vão levando tudo, é a maresia. O vento, durante o verão, vai soprando e levando areia. No inverno, a água vai levando tudo, é a força da erosão que levou tudo. Isso aqui era muito bonito, mas a natureza foi levando tudo"(Registro de campo:2001)

Os "antigos" contam que a cidade pertencia a Santo Antonio de Aruã,. Neste aspecto, o imaginário coletivo enfatiza que o fenômeno da "terra caída" seja resultado de uma praga, rogada por um religioso, decorrendo daí, o castigo que não é revertido, porque o povo não tem fé.

"Olha, acontece o seguinte: o padre veio aqui para fazer a festa de Santo Antônio e eu não sei o que fizeram para ele que ele ficou desgostoso. Então, ele falou que isso daqui ia água a baixo e dessa data, eu, pelo menos que sou pessoa de idade, eu vi que aquilo só podia ser castigo, uma coisa, uma praga que ele tinha jogado e que daí desandou tudo. Isso ai tinha muitas mangueiras, plantas... Caiu tudo... Andando daqui prá ponta, dá pra ver a caída que tem... a cidade desaparecida ficou muito distante. A cidade que desapareceu na água é um castigo, o povo não tem mais fé... Antigamente era diferente..."(Registro de campo:2001)

Buscando (re)construir a imagem da cidade que desaparecera nas águas,os antigos (re)lembram construções e espaços históricos como: Mercado, Casa Desportiva Santa Cruz, Delegacia de Polícia, Residência dos Delegados, Posto Médico, campo de futebol, coreto, palanque, casas de comércio, Coletoria Federal... Na fala dos mais velhos, esta marca está registrada em suas memórias como um tempo histórico que não voltará jamais.

"Esse quadro, eu tenho na mente. E a cidade antiga, tinha um palanque que as criança, quando era mês de setembro, as autoridades

ficavam ali, olhando as criança desfilar... Desapareceu nas águas (Registro de campo:2001)

"O Mercado tinha quatro talhos de peixe, de carne. Os quatro cantos eram comerciais, dava para colocar mercearia, venda de verdura... Tinha um mercado muito bonito. No mercado se vendia carne de veado, carne de cutia, vendia carne de gado.. Quando eu me entendi, já existia o mercado, era lá para longe, caiu tudo, está debaixo d'água... Lá tinha tudo, tinha uma venda que vendia a grosso, farinha, açúcar, tipo uma mercearia...Era todo em alvenaria, as balanças era a coisa mais linda, tudo em cobre.... desapareceu ;"(Registro de campo:2001)

"Tinha várias construções, era a parte histórica da cidade, tinha um mercado muito bonito, depois do mercado tinha uma sede esportiva - Santa Cruz, logo depois tinha três casas juntas, era a Delegacia de Polícia, a outra era a residência dos delegados e a outra era o Posto Médico e ainda tinha casas e terras prá lá, eram quarteirões, tinha o campo de futebol..."(Registro de campo:2001)

"Tinha o mercado, uma sede, uma delegacia, um posto médico, casas de morada.... Isso em 1950... Hoje não tem mais nada, já caiu tudinho... Foi caindo... Todos os anos era um pedaço. Enche muito a maré, dava águas grandes..."(Registro de campo:2001)

"...naquele tempo tinha três clubes de futebol: Aruã, Centro Esportivo e o Santa Cruz. Tinha um rapaz pobre que fundou o bexiga, eles pegavam a bexiga de boi, sopravam e faziam uma bola... Não tinha bola, então, eles brincavam com aquilo..."(Registro de campo:2001)

"O clube Aruã era muito famoso... A água derrubou tudo, comeu tudo... A maré derrubava tudo e isso tudo passou e é só lembrança..."(Registro de campo:2001)

"Vai caindo lentamente a maré, a erosão vai levando, tinha o mercado, uma casa lá na beira da ribanceira, tinha diversas ruas, tinha



O olhar dos moradores para o fenômeno das "terras caídas" é diverso. Para os mais antigos, depende da fé em Deus. No contraponto, outros consideram como um simples fenômeno da natureza e, por isso, irreversível. Já os mais jovens, explicam-no como descaso político, já que a construção de um cais de arrimo resolveria o avanço da erosão. Há ainda aqueles que, movidos por uma visão religiosa, acreditam que o problema seria resolvido apenas com a mudança nominal do município, voltando a ser chamado de Santo Antônio dos Aruã.



"Acho que Chaves deveria trocar de nome, porque Chaves significa trancar, fechadura... Na época da Lei Orgânica, a gente sugeriu que fosse trocado o nome e retornasse ao antigo nome de Santo Antônio de Aruã, mas a maioria dos vereadores não concordaram com essa tese" (Registro de campo:2001)

"É uma erosão muito grande, vem comendo pelas laterais, vai continuar caindo, tem que fazer um cais até a beira da ribanceira que é alta, a terra é mole e amarela"(Registro de campo:2001)

"Lá na beirada já caiu tudo, não queira lembrar... Não se faz nada para evitar o estrago, a praia vai avançando e o povo vai se afastando"(Registro de campo:2001)

"O povo moderno, os jovens não temem a Deus. Até as festas religiosas eles acabam... E tudo mecânico e isso é castigo. Só muita fé em Deus para fazer parar..."(Registro de campo:2001)

Acreditando no poder divino, os mais antigas registram que a iniciativa de um religioso de colocar a frente da igreja a imagem de Santo Antônio. Essa iniciativa, demonstra o aspecto mítico que circunda as "explicações" para a erosão, na medida em que a imagem ali posta, teria a incumbência de frear o poder das águas do amazonas, salvando a igreja, localizada na fronteira entre terra e água.

"Veio um padre aqui e colocou essa imagem de Santo Antônio na frente da igreja, para ver se parava a terra caída. Só que dessa data pra cá, defronte da igreja, parou a caída..."(Registro de campo:2001)

E inegável que o fenômeno da erosão causa muito desconforto na população local. E evidente, também, que as reações ao desaparecimento da cidade são extremamente diversificadas. Entretanto, existe um elemento analítico que pode ser considerado como aglutinador de todos os discursos coletados, materializado no sentimento *saudade*, posto que:

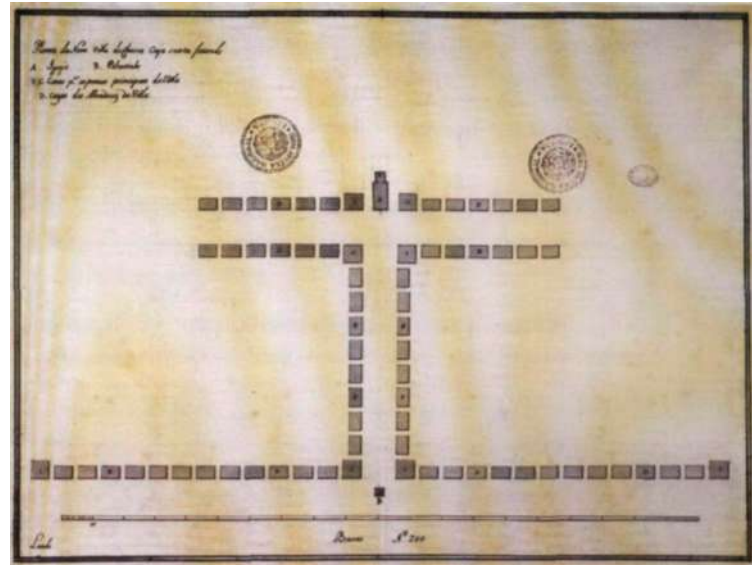


" Eu vivo tantos anos aqui e vejo cada vez mais tudo se destruindo... Isso pra mim é uma saudade, saudade dos espaços onde brinquei quando criança, saudade da praça e da rua, saudade dos parentes e familiares amigos que já se foram e, eu, velho, continuo aqui assistindo a história do desaparecimento da minha terra, a minha cidade de Chaves, onde nasci e me criei"(Registro de campo:2001)

## 6ASPECTOS URBANÍSTICOS

A expansão da cidade se desenvolve no sentido sul e sudoeste, em direção aos campos e à mata amazônica, que contorna a área urbana como grande cinturão verde. Em três séculos, o desenvolvimento do aglomerado urbano da sede do município foi lento, constatando-se, após se ter realizado pesquisa de campo e histórica, que as ruas da antiga vila de Chaves, hoje, já não existem. Este fato ocorreu em função do processo da erosão que o sítio urbano sofreu desde meados do século XIX até os dias de hoje.

O traçado urbano da vila de Chaves, provavelmente, sofreu orientação da Comissão Demarcatória do Tratado de Madrid, da qual o arquiteto bolonhês Antônio José Landi fez parte. Na equipe, além dos arquitetos civis, havia os engenheiros militares e os de obras. A principal tarefa da Comissão era a de demarcar os limites do território colonial e espanhol, mas possuía um outro: o de montar uma estratégia militar de fortalecimento à defesa e à segurança do território colonial brasileiro, principalmente na região da Amazônia, com a construção da arquitetura de fortes e bases de apoio militar.



A planta baixa encontrada no Arquivo Nacional de Lisboa, desenhada à pena pelo arquiteto Antônio José Landi<sup>22</sup>, registra a planta da nova vila de Chaves, com o desenho de três vias,

<sup>22</sup> PORTUGAL. Op. Cit, p 191

informando que a mesma se encontrava em via de implantação. A planta da cidade de Chaves, executada por Landi, apresenta os seguintes elementos: a igreja, o pelourinho, a localização das casas dos senhores e dos moradores. Esta planta confirma o plano de ocupação colonial ditado pela Coroa portuguesa no século XVIII, pois apresenta um traçado regular e simétrico, com destaque para as construções mais importantes como a igreja, o pelourinho e as casa dos senhores, especificadas como "casas para as pessoas principais da Villa". Naquela época, a cidade possuía três ruas dispostas em forma de "T", com uma base, como se pode observar na figura abaixo.

Com estes dados, é possível pensar que a aldeia, no período em que foi elevada à categoria de Vila, em 1756, recebeu a visita da expedição demarcadora de limites, da qual o arquiteto fazia parte, justificada pela posição estratégica da cidade, como portão de entrada do rio Amazonas e sua proximidade com o Oceano Atlântico, e também pela presença de canhões, ainda hoje existentes no núcleo urbano.

O traçado urbano da cidade de Chaves apresenta regularidade na malha com uma tendência geométrica, característica herdada do urbanismo colonial, ditado pelo plano de ocupação elaborado pela Coroa portuguesa, plenamente adaptado ao sítio plano existente no núcleo urbano do município.

Segundo os moradores mais antigos, "a sede do município iniciou ao lado oeste, próximo ao igarapé chamado Miri, foi sendo consumida pela erosão e hoje já se encontra onde ficava a periferia da mesma".<sup>23</sup>

As antigas ruas, casas e o pelourinho da época da colônia, foram levados pelas águas ensandecidas do rio, restando apenas como registro desta época colonial a pequena igreja de Santo Antônio, bastante modificada do seu aspecto original. As poucas ruas, em torno de dez, que hoje fazem parte do traçado urbano, que contribuem para o cenário do patrimônio histórico são



<sup>23</sup> Fundação Cultural do Pará. Tancredo Neves, "Inventário Cultural do Estado"

alinhadas, com tamanho regular de aproximadamente três metros de largura pavimentadas, na sua grande maioria, com cimento, sem avanços e recuos.

A rua absorve a função de permanência, de contato e discussão. Observou-se o costume dos atuais habitantes em permanecerem sentados em cadeiras próximas às portas das moradias, para uma conversa informal de final de tarde.

Atualmente, a grande maioria das casas é alinhada e mostra uma aparência mais ou menos contínua, mas ainda é comum haver quintais ou áreas verdes que chegam até o limite das ruas. Sobre as cercas ou muros pode se observar a vegetação, intercalando as moradias. Como lembrança da presença dos antigos e belos quintais, Maciel (1999) relata:



"E lá, bem lá no fundo do quintal, lado esquerdo, naquele pedaço cercado com estacas amarradas com tiras de envira<sup>24</sup>, eu observava a cova na terra, a semente, a germinação, o crescimento e reprodução do jerimum, melancia, couve, pimentão e outros cultivos que enchiam de curiosidades meus olhos de criança. Porém, o que mais me atraía eram os tomateiros, cujos frutos comia ali mesmo no pé. Assim era o quintal de nossa casa". (Registro de campo:2001)

A praça é valorizada como ponto de atenção. Próximo a ela foi construído o mais antigo e principal edifício da cidade: a igreja. E lá que são desenvolvidas as atividades locais de interesse comum, como festas em comemoração a Santo Antônio, o padroeiro da cidade, e outros eventos.

As quadras são definidas, na sua grande maioria, pelo traçado regular, apresentando formato geométrica derivado do quadrado, sendo o retângulo o polígono mais presentes. Apesar do desenvolvimento da sede do município ser lento, a cidade cresce buscando uma

<sup>24</sup> Fibra da entre casca de algum arbusto, tem a função do cipó, serve para amarrar, trançar.

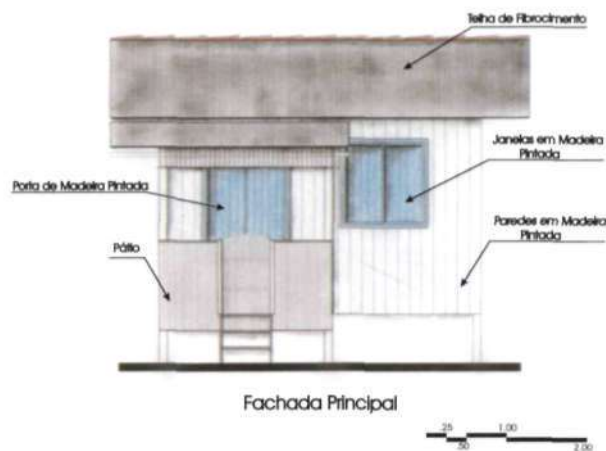
ordem. As quadras são divididas em lotes com ocupação semelhante, apresentando, nos seus centros, grandes áreas verdes. A maioria das casas dispõe de afastamentos laterais. Os lotes em formato de retângulo apresentam dimensões de aproximadamente 10.00 m de frente por 25.00 m de fundo, sendo a edificação locada no alinhamento e na parte central do terreno.

## 7 CONSTRUÇÕES PARTICULARES

A maioria das vivendas uni-familiares encontradas em Chaves são executadas em madeira, apresentando uma arquitetura vernacular<sup>25</sup>, arquitetura realizada pela comunidade, com limitado repertório de conhecimento num meio ambiente definido, utilizando materiais ou recursos em condições climáticas bem características. A arquitetura das casas de Chaves expressa a exclusividade do "saber fazer" do caboclo da Amazônia, caracterizada pelos seus usos e costumes de moradias das cidades ribeirinhas. As moradias apresentam uma arquitetura funcional de pouco compartimento, e estão fora das questões ligadas a estilos arquitetônicos, mas agregavam materiais de construção encontrados em abundância na região, como a madeira, o barro e a palha.

" Na casa de madeira coberta de telhas onde nasci, podia escutar o canto da chuva."<sup>26</sup>

As casas apresentam uma certa uniformidade na maneira de organizar o espaço interno. As vivendas apresentam poucos cômodos. Na sua maioria, em torno de três, sendo os mais freqüentes a sala de estar, normalmente pequenas e com poucos móveis; um dormitório com dimensões



<sup>25</sup> Lemos, Carlos A . C . A casa brasileira. São Paulo: Contexto, 1989. p 15.

<sup>26</sup> MACIEL, op.cit., p.24.

maiores e, posteriormente, um ambiente menor que pode se utilizado de diversas maneiras, desde área de serviço, cozinha e jirau<sup>27</sup>. A presença de um tipo de varanda alpendrada<sup>28</sup> é percebida na grande maioria das residências, sendo muito utilizado nas moradas, pelo povo para amenizar o sol intenso e as chuvas da região. O alpendre, geralmente, é circundado por uma proteção de madeira, apresentando muitas vezes desenhos típicos da região ribeirinha, pintados com cores alegres e, na maioria das vezes, na parte frontal ou posterior da casa.

"As casas todas eram de enchimento, a gente olhava e pensava que era de alvenaria, mas era de pau a pique, com ripas de taboca e cipó. Ai, batia o barro, enchia de barro e alisava. Ficava muito bonito, podia até passar a tinta"(Registro de campo:2001)

Os mais antigos relembram das moradias de pessoas influentes no cenário político paraense que chamava atenção, não só pela arquitetura, mas também, pela representatividade histórica. Eis um exemplo:

"A casa do Cel. Arlindo Cacela... Naquele tempo, o velho, pai dele, era advogado. Na casa dele era uma sabedoria... Tinha uma biblioteca imensa que a gente passava e via... A casa dele era próxima da Prefeitura . Derrubaram, acabaram tudo. Era uma casa de tijolo muito bonita, tinha uma varanda em cima... O andar de morada... Era aquelas casas antigas, a coisa mais linda dessa vida..."(Registro de campo:2001)

## **SPATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO**

A cidade de Chaves, apesar de sua formação ter sido do século XVIII, o que hoje se encontra do patrimônio histórico preservado e que expressa no presente o passado distante é muito pouco.

Os edifícios mais antigos, que se encontravam às proximidades da orla, não mais existem. Todos desapareceram por haverem sido tragados pela fúria do rio, problema percebido desde meados do século XDC.

<sup>27</sup> Segundo DERENJI. "... um estrado elevado, uma armação de madeira com uma bancada *onde*. com o auxílio de vasilhas de água, se preparam os alimentos". Cf. DERENJI, Jussara. *Cadmos de Arquitetura I Óbidos*. Belém: UFPA, 1997. p 28.

<sup>28</sup> Segundo Lemos, (op.cit.) "Alpendre c o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e cine é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo como função precípua fazer sombra 'a construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol - refrescando, assim, o interior."

Em 1990, foi elaborada pela Câmara dos Vereadores, a Lei Orgânica do Município, que externaliza a preocupação da comunidade chaviense quanto à preservação do patrimônio histórico e arquitetônico.

"Eu conheci essa igreja, a Prefeitura... Era só o paredão, ela não tava pronta de tudo. O cemitério, esta casa onde está o correio era de altos e baixo, era uma casa bonita do Prefeito Arlindo Cacela, irmão do Alcindo Cácela... Os prédios históricos, mais antigos da cidade é a igreja e a Prefeitura, a capela do cemitério e o Colégio Magalhães Barata, esse é da década de 50"(Registro de campo:2()01)

## **8.1- IGREJA DE SANTO ANTÔNIO**

A edificação mais antiga ainda existente é a igreja de Santo Antônio construída em 1886<sup>29</sup>, mas seus traços originais internos foram modificados.

A fachada desta igreja apresenta influência classicista-barroca, determinada pela linha sinuosa do frontão, pela marcação horizontal que separa o corpo da igreja do frontão (regularidade e proporção clássica) e pelas aberturas coroadas em arco pleno. O Barroco caracteriza as construções erguidas no período que vai do final do século XVI até meados do século XVIII, em toda a Europa. No Brasil, o Barroco é o estilo predominante no período colonial que atinge seu ápice na era pombalina (1º metade do século XVIII). Nota-se, também, no conjunto de elementos componentes da fachada, a presença de um óculo no frontão e de mais dois, que estão dispostos simetricamente em relação a porta principal, um pouco mais elevados.

Esta igreja possui uma única nave, um altar-mor e dois altares laterais na altura do transepto e a sacristia. O piso da igreja é de ladrilho hidráulico e suas paredes foram levantadas em pedra, apresentando uma espessura considerada em relação ao que se trabalha atualmente na construção civil.

"Na igreja tinha um altar-mor, com mais de 100 santos. Era uma beleza, aquele encanto.. Foram destruindo tudo, só deixaram o Santo Antônio e umas poucas imagens. Tinha o coro... lá em cima... As moças cantavam as ladainhas. Quando a gente lembra de toda aquela tradição que se acabou, dá vontade de chorar..."(Registro de Campo:2001)

<sup>29</sup> Maciel, op.cit., p.109.

Há, em Chaves, uma capela em homenagem a São Benedito, construída em madeira. É curioso que nesta capela, a torre sineira se encontra afastada da capela, localizada no lado direito. Em frente, no espaço conhecido como arraial, ficam dois bancos longos que convergem para o acesso principal da capela.

## 8.2- PALÁCIO MUNICIPAL INTENDENTE AMÂNCIO JOSÉ ESPÍNDOLA

O Palácio Municipal, provavelmente construído no final do século XIX, abrigou a sede do Conselho de Intendência Municipal, tendo sido Amâncio José Espinola seu primeiro intendente. O edifício, além de ter funcionado como sede da intendência, deve ter sido utilizado como residência do intendente. Atualmente, lá funciona a Prefeitura do Município de Chaves.

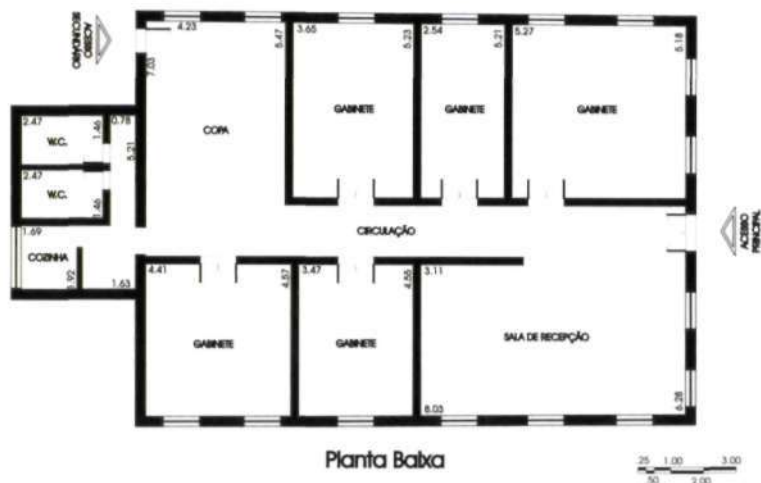
A tipologia arquitetônica colonial do edifício sofreu influência do ecletismo<sup>3</sup>". Apresentando o porão baixo, muito utilizado nas construções do final do século XIX, que protegia o edifício da umidade ascendente do solo, bem como pequenas aberturas de grades, que funcionavam como respiradouros, impedindo as águas pluviais de cair diretamente nas calçadas.

O sistema construtivo do edifício apresenta alvenaria em estrutura portante de tijolo de barro em "L", com espessura de aproximadamente 25 cm. No Brasil, as construções executadas com essa técnica surgiram em meados do século XIX, apresentando a forma de um paralelepípedo regular. Porém, o que se observa nos Estados do Pará e Amapá, nas construções dessa época, é um



Movimento ou tendência resultante da mistura de vários estilos arquitetônicos existentes até o séc. XIX,

tipo de tijolo com formato em "L", forma melhor para a amarração da alvenaria, proporcionando uma melhor estabilidade à vedação. Até os dias de hoje, o tijolo em "L" é conhecido no Brasil como elemento característico das construções da região do Pará e Amapá. A espessura das alvenarias de tijolo de barro no Brasil varia de 0,20 a 0,40m e, comumente, levam como revestimento argamassa de barro, areia e cal.





O prédio do Palácio Municipal, ao longo do tempo, sofreu várias intervenções arquitetônicas, que modificaram sua tipologia original. Na parte interna o prédio sofreu ampliação com acréscimo de dois banheiros e uma pequena cozinha, o antigo assoalho em tabuado de madeira de lei em acapu e pau amarelo foi substituído recentemente por lajota cerâmica, bem como o porão baixo foi aterrado, deixando de funcionar o sistema de retirada de umidade, tipologia que caracterizou os edifícios dessa época. Na parte externa, a platibanda vazada com frontão que existia na fachada principal foi modificada na sua composição e estendida por toda a extremidade do telhado; as janelas de peitoril da fachada principal foram transformadas em janelas rasgadas com guarda corpo sacado em grade decorada contendo as iniciais "IM" ( Intendência Municipal) e as janelas de peitoril das laterais receberam a decoração de balaustres de massa. A pintura original, à base de cal na cor bege, foi substituída pela pintura em esmalte na cor vermelho intenso. A maioria das intervenções que o prédio sofreu ocorreu em nome do progresso e da tão esperada modernidade que, muitas vezes, chegam prontos para apagar os registros da história, em favor da famosa contemporaneidade.

### **8.3- GRUPO ESCOLAR MAGALHÃES BARATA**

Construído na década de 50, o Grupo Escolar Magalhães Barata foi a maior escola do município de Chaves. Suas linhas arquitetônicas são retas, puras, sem adornos floreados, caracterizando o modernismo. Sua fachada apresenta uma composição de formas geométricas: triângulo, retângulo, quadrado, dispostas de uma maneira em que a simetria é considerada. A marquise, logo acima das aberturas de porta e janelas, é um dos ícones do movimento moderno que melhor se desenvolveu no Brasil, no período de 1940 a 1960. Internamente, destaca-se o piso executado com ladrilho hidráulico, apresentando formas geométricas mais rígidas.

"O prédio que hoje está o correio data de 1950. Só fizeram a fachada dele 11 anos depois. O Cel. Magalhães Barata retomou a obra e inaugurou e trocaram para o nome dele. Inclusive, ele não gostou, queria que deixasse o nome de Moura Carvalho que já foi um governador do Pará. Quando Magalhães Barata assumiu, procuraram ele e ele retomou a construção que foi inaugurada em maio de 1958, com o nome de Colégio Magalhães Barata, em sua homenagem"(Registro de campo:2001)

"No governo de Alacid Nunes, ele mandou construir em vários municípios, colégios com o nome de Magalhães Barata e em Chaves, o colégio ficou desocupado, passando a funcionar a agência de Correios"(Registro de campo:2001)

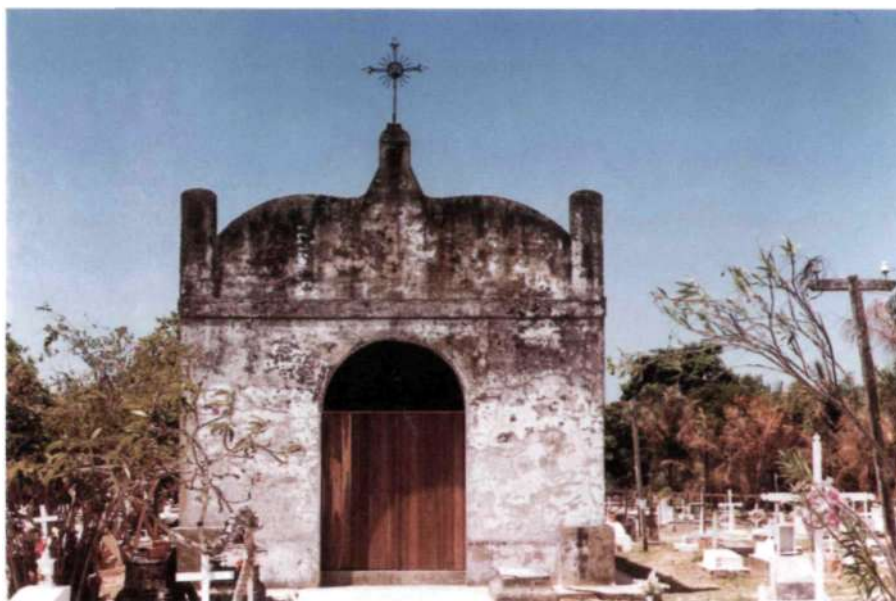
Atualmente, o prédio encontra-se parcialmente desocupado e bastante deteriorado. Abriga a agência postal do correio e a estação de rádio, meio de comunicação ainda muito usado na região.

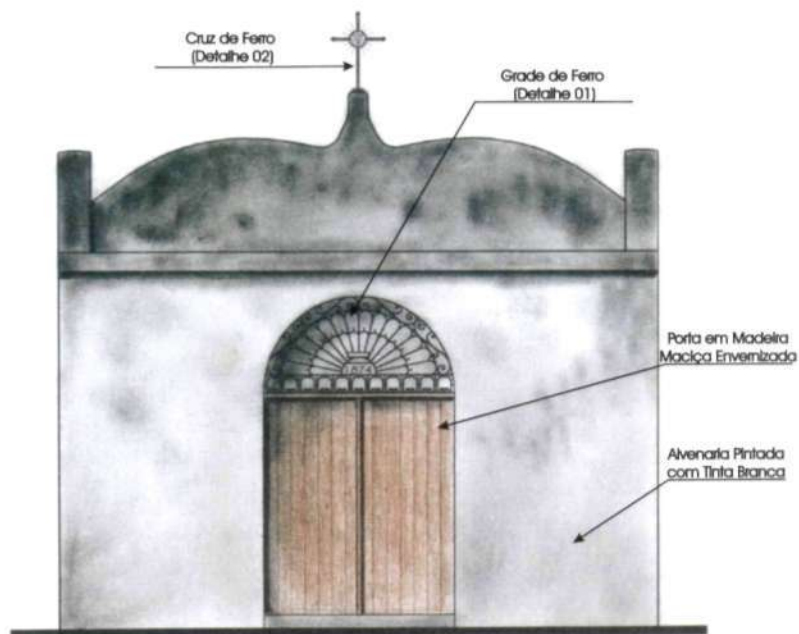
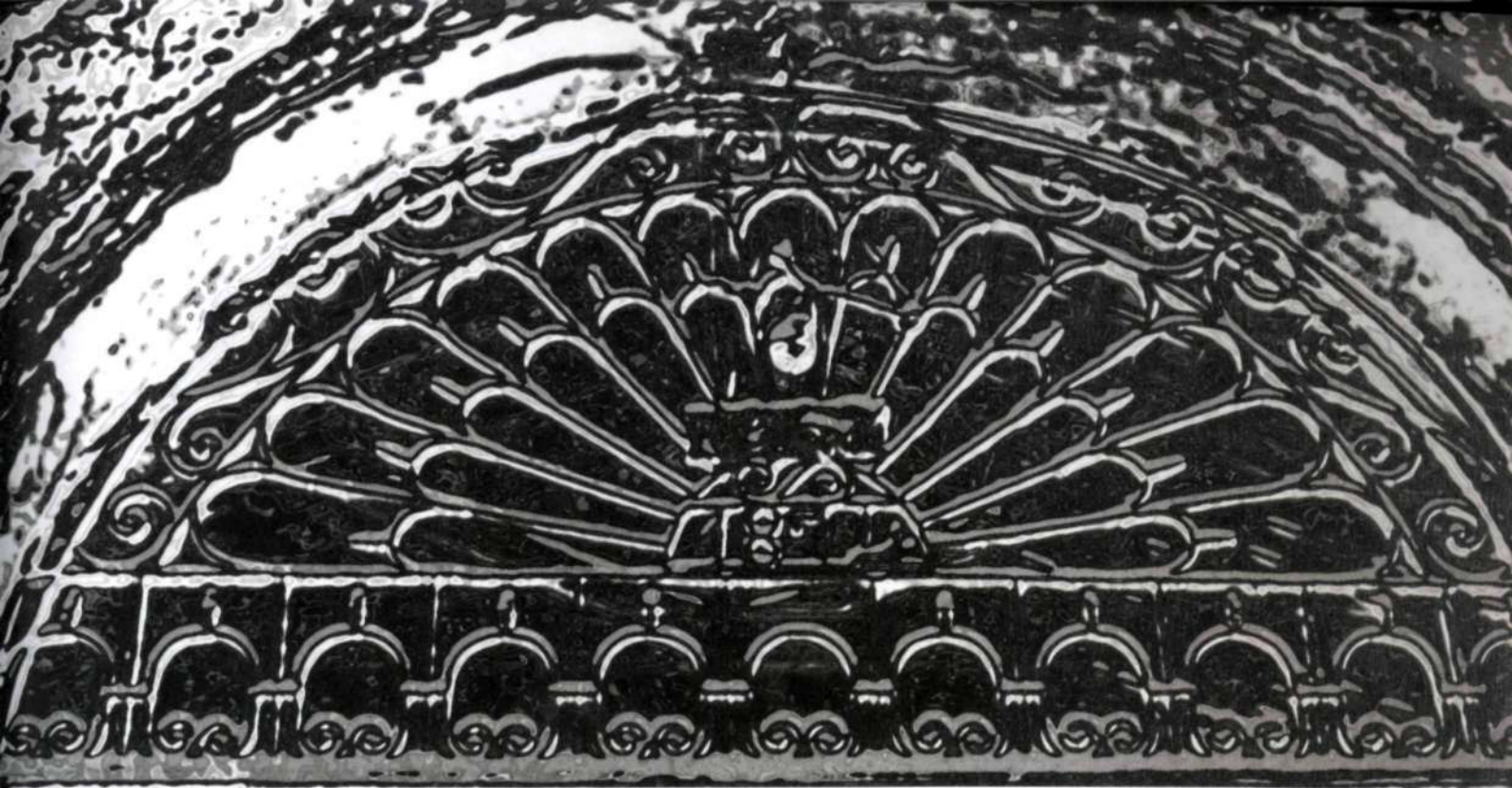
"A primeira casa do telégrafo a cabo era de alvenaria e de barro. Quando acabou como telégrafo, eles tiraram aqueles cabos enormes que entraram mar a dentro. Foi um estrago... A gente passava o telegrama manual.."(Registro de campo:2001)

#### **8.4- CEMITÉRIO MUNICIPAL**

A capela original, datada de 1874, apresentava na sua estrutura interna nave única, com dois espaços que se posicionavam na parte posterior, ao lado do altar mor, local que, provavelmente, funcionavam como sacristia e um pequeno depósito. A fachada antiga apresentava influência classicista-barroca, determinada por um trabalhado frontão esparramado, ornado com relevos decorativos e pela marcação horizontal em ornato que separava o corpo da capela do frontão. Encimando o frontão, encontrava-se a cruz da congregação dos padres Capuchos de Santo Antônio.

Atualmente, a capela está parcialmente destruída e bastante descaracterizada, restando apenas as paredes externas da nave, o antigo frontão que foi totalmente modificado, preservando a cruz da congregação dos padres Capuchos.





Detalhe 01 - Grade de Ferro Trabalhada, Datado do Ano 1874

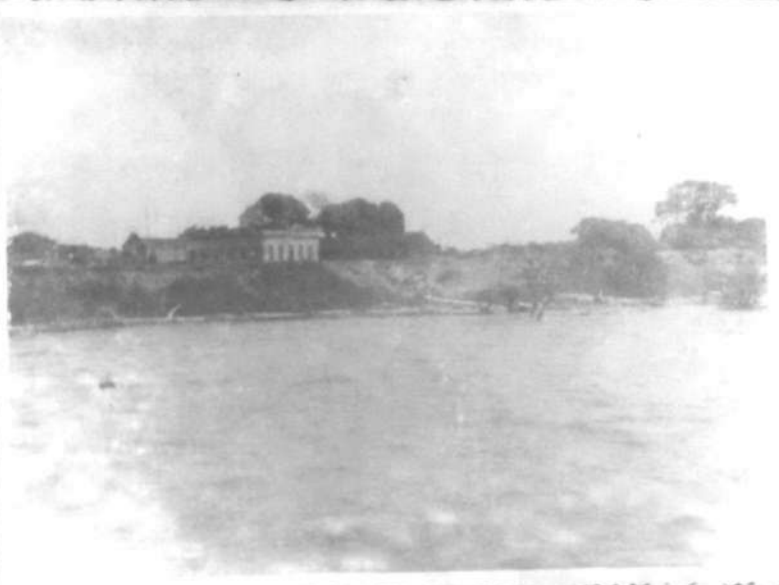
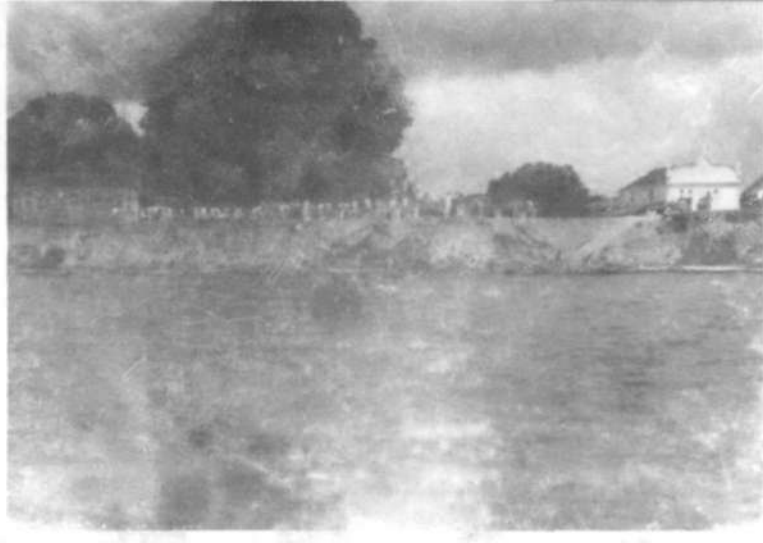


Detalhe 02 - Cruz de Ferro Fundido do Ano de 1874



Fachada Principal







## BIBLIOGRAFIA

ANNAES DA BIBLIOTHECA E ARCHIVO PÚBLICO DO PARÁ. **Município de Chaves**. Belém: Imprensa Oficial, 1916. v.9.

AZEVEDO, José Lúcio. **Os Jesuítas no Grão Pará**: suas missões e colonização. Belém: SECULT, 1999.

BANCO SAFRA. **O Museu paulista da universidade de São Paulo**. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

COUTO, Jorge. **A Construção do Brasil**: ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998. (Cosmos história, 11)

DERENJI, Jussara. **Cadernos de Arquitetura** 1. Óbidos. Belém: UFPA, 1997.

História dos municípios do Pará. **A Província do Pará**. Belém, abr. 1998. Fascículo, 18.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. 6 ed. São Paulo: DIFEL, 1985. v.I.

. **A Província do Pará**. Belém: 27 mar. 1994. P.39.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO PARÁ - IDESP. Coordenadoria de Estatística Estadual. **Setor de Coleta e Tratamento de Dados**: Município de Chaves. Belém: [s.n.], 1998.

LEMOS, Carlos A . C . **A Casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

MACHADO, José de Paula (org.). **Marajó**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

MACIEL, Ana Amélia de Araújo. **O Manto do Marajó** - Chaves: de Aldeia dos índios Aruan à cidade. Imperatriz: Ética, 2000. 145p.

MEGGERS, Betty J. **América pré - histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 242p.

NI MUENDAJU, Curt. **Mapa etno histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

PARÁ. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, "**Inventário Cultural do Estado**". [S.l.: s.n], 1990

PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. **Amazônia Felsinea - Antônio José Landi**: itinerário artístico e científico de um arquiteto bolonhês na Amazônia do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. (Coleção Retratos do Brasil)

RODRIGUES, Hildebrando, (org.) **Álbum do Pará**: typografia "novidades".[S.l.:s.n], 1930.

SOBRAL, Maria de Lourdes. **As Missões religiosas e o barroco no Pará**. Belém: UFPA, 1986.







- Projeto Gráfico: Geraldo Teixeira e Jorge Eiró
  - Editoração: Luciano Silva
  - Impressão: Alves Gráfica e Editora
- Capa impressa em Duo Design 300g e miolo em Couche Fosco 120g gerado no Pagemaker 7.0, Corel Draw 9 e Photoshop 7, utilizando as fontes Aldine 401 BT e Amerigo BT



ISBN 85-86783-56-0



9 788586 783562

**Unama**  
UNIVERSIDADE  
DA AMAZÔNIA  
**Dez**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)